

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO



Escola e cidadania

ISSN 1676-514 1



9 771676 514009 00056

Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) •

Maria Inês Delorme (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) •

Martha Neiva Moreira (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Alneir Costa Pereira (8ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Diala Azevedo de Oliveira** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessora de Integração/MULTIRIO) • **Kátia Pereira do Nascimento** (5ª CRE) • **Marcia dos Santos Gouvea** (E-DGED/DEF) • **Marcia Elizabeth N. da M. Vicente** (7ª CRE) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Valéria do Nascimento Querido** (6ª CRE) • **Vana Maria Silva de O. Sá** (1ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda**

GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira • Renata Petrocelli** (editora) • **Fábio Aranha, Carolina Bessa e Bete Nogueira** (reportagem) • **César Garcia** (cópidesque e revisão) • **Alberto Jacob Filho** (fotografia)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS/NTI: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),

Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar (designers) •

Vivian Ribeiro (produção gráfica)

Impressão: Cidade América Artes Gráfica

Tiragem: 36.500 exemplares





Desenho do aluno Adriano Cavalcante de Lima
E. M. Brício Filho (3ª CRE)

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

Busca pela transformação

12 carioca

Acordes em cenário de arte

14 multirio na web

Diversão com conhecimento

15 parceria

Tartarugas na cidade grande

16 olho mágico

17 caleidoscópio

A solução está no diálogo

20 professor on line

Diferenças sem desigualdade

21 rede fala

Vivendo uma escola ciclada

23 sala de professores

Infância: um conceito social e histórico

26 capa

Pelo direito de participar

34 atualidade

Preocupação com o futuro

36 presente do futuro

Opção ao esporte e à arte

39 pé na estrada

Experiência bem-sucedida

Iniciativa que vale prêmio

44 foi assim

Há 200 anos, com batucada

47 machadiano

Histórias de todos os gêneros

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

Por uma escola mais cidadã

Mais um ano se inicia e, com ele, renovamos o nosso desejo de aprender, crescer e transformar a escola que fazemos na escola com a qual sempre sonhamos. O ano de 2008 trará 11 novas edições de NÓS DA ESCOLA, em que brilharão o empenho dos pro-

fessores da rede e o aprendizado conjunto, temas atuais, dúvidas novas e antigas e experiências que merecem sempre ser compartilhadas. Em cada um dos assuntos, nosso desejo coletivo de fazer das escolas da rede municipal de ensino o espaço ideal para a constituição de conhecimentos e valores.

A matéria de capa de nossa primeira edição vem ao encontro deste anseio. Cidadania é o nosso tema, e a escola, nosso principal foco. Discutimos o conceito de cidadania e os desafios que ele nos impõe diariamente. Entre eles, o de propiciar a vivência e o exercício da cidadania dentro da escola, garantindo formas de participação, representatividade, identidade e nacionalidade. Entre as muitas perguntas que nos fazemos, uma dá o tom do debate: como desenvolver e promover na escola uma prática cidadã que leve a mudanças na relação dos sujeitos com a sociedade na qual estão inseridos?

NÓS DA ESCOLA inaugura ainda algumas mudanças em 2008. Para celebrar o centenário de morte de Machado de Assis, foi criada a seção Machadiano. A cada edição, será lembrado um aspecto da vida, da obra ou do Rio de Janeiro da época do maior expoente de nossa literatura, oferecendo aos professores suporte para abordar em sala de aula vários aspectos a partir do universo do escritor.

Criamos a seção *Sala de professores*, que trará mensalmente artigos sobre assuntos teóricos ligados ao fazer diário na escola, buscando aliar a experiência prática à reflexão da teoria. O primeiro tema é o conceito de infância. Já a seção *Caleidoscópio* ganhou nova forma para abrir espaço a questões delicadas, que desafiam a criatividade, a sensibilidade e o senso de oportunidade dos professores. A cada mês, educadores comentarão uma situação real, vivenciada e descrita por um professor da rede.

No mais, a revista segue contando com a sua colaboração, participação e sugestões. Queremos conhecer e compartilhar a sua experiência, o seu projeto e as suas reflexões sobre o desafiador universo do ensino.

Uma boa leitura e um ano de muito aprendizado para todos.



Sônia Mograbi
Secretária municipal
de Educação

Solidariedade

A escola D. Pedro I recebeu o selo Escola Solidária 2007, do Instituto Faça Parte. A ação solidária surgiu a partir da tragédia ocorrida na comunidade Rio das Pedras, um incêndio que destruiu centenas de casas, deixando muitas famílias desabrigadas. Este sofrimento foi acompanhado bem de perto pela comunidade escolar. Os alunos mobilizaram-se para arrecadar doações de alimentos não perecíveis e roupas. Como forma de reconhecimento, além do selo, o Instituto Faça Parte está divulgando a experiência solidária da escola em seu *site*.

Marleyde Ferreira Fernando

E. M. D. Pedro I, Barra da Tijuca, 7ª CRE

Curso

O Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) está com inscrições abertas para o curso de extensão “Os desafios da juventude no mundo atual”, oferecido pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (Nipiac). Destinado a professores, agentes comunitários e profissionais das áreas de psicologia, serviço social, educação, medicina e direito, o curso tem por objetivo a discussão de temas relacionados à vida do jovem no mundo atual – o que quer, o que pensa, como se relaciona com a sociedade, a família e as novas tecnologias. As aulas terão início no dia 13 de março e acontecerão no Instituto de Psicologia da UFRJ, no *campus* da Praia Vermelha, na Urca, Zona Sul da cidade, às quintas-feiras, de 18h às 21h40. O período de inscrições vai até 29 de fevereiro e informações podem ser obtidas pelo telefone 2295-3208 ou pelo e-mail nipiac@psicologia.ufrj.br.

Diego Rivera: a arte como arma

Um dos maiores pintores mexicanos, Diego María de la Concepción Juan Nepomuceno Estanislao de la Rivera nasceu na cidade de Guanajuato, no México, em 8 de dezembro de 1886.

Começou seus estudos na Academia de Bellas Artes de San Carlos, na Cidade do México, aos 10 anos de idade. Aos 16, foi expulso por participar de uma greve estudantil. Foi reintegrado, mas nunca retornou, preferindo trabalhar por conta própria nos cinco anos seguintes. Depois de ganhar uma bolsa de estudos do governo da província de Vera Cruz, aos 21, viajou para a Europa e lá ficou até 1921, período em que conviveu com artistas como Pablo Picasso, Salvador Dalí, Juan Miró e Antoni Gaudí, que acabaram por influenciar a sua obra.

Por considerar a pintura de cavalete uma arte burguesa e achar que o seu país não podia esquecer a grandeza da civilização pré-colombiana – por séculos oprimida por estrangeiros –, Rivera criou o movimento muralista mexicano, juntamente com os pintores José Clemente Orozco (1883-1949) e David Siqueiros (1896-1974). Deflagrado logo após a Revolução Mexicana, de 1910, numa temporada de Rivera no México, o movimento pode ser considerado uma das grandes mobilizações sociais na América Latina no século XX, ao instituir uma

política cultural que criou museus nacionais, instituições de pesquisa e de investigação arqueológica, que passaram a enfatizar o passado indígena do país. Para Rivera, Orozco e Siqueiros, a pintura mural possibilitara o surgimento de uma arte pública e coletiva que rompia com o individualismo da pintura de cavalete. Em todo o México são encontrados murais em palácios, igrejas, pátios de edifícios ministeriais, escolas, museus e câmaras legislativas.

Rivera foi um pintor revolucionário que queria levar a arte ao grande público, nas ruas e edifícios, manejando uma linguagem precisa e direta, com um estilo realista, pleno de conteúdo social. Para ele a arte era uma arma.

Em 1929 casou-se com a pintora mexicana Frida Kahlo, com quem militou no Partido Comunista. Autor de mais de 2 mil quadros, 5 mil desenhos e cerca de 4 mil metros quadrados de pintura mural, Rivera faleceu aos 70 anos, no dia 24 de novembro de 1957, no seu país.

Um fragmento do trabalho *Industria de Detroit o hombre y máquina* ilustra a quarta-capa desta edição. É composto por 27 painéis pintados como afrescos por Rivera, entre 1932 e 1933, no Instituto de Artes de Detroit, Michigan, EUA. Na obra, elementos nacionais e das antigas culturas mexicanas convivem com o mundo da indústria e do trabalho fabril.

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpúb@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

Busca pela transformação

TEXTO MARTHA NEIVA MOREIRA FOTOS ALBERTO JACOB FILHO

De segunda a sexta-feira, Claudia Mendes e Deice Mara Nicolau saem de suas casas em direção à Ilha do Governador para cruzar os grandes portões de ferro do Instituto Padre Severino (IPS), unidade do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (Degase). Ambas são professoras do Colégio Estadual Padre Carlos Leôncio da Silva, que funciona no local e atende a adolescentes internos. O trabalho das duas e, diga-se, de toda a equipe da escola é um pouco diferente do que se vê nas instituições de ensino regulares. Lá, em 45 dias – período máximo de internação de um adolescente –, elas fazem de tudo para resgatar os internos para a escola e lançar-lhes o desafio de que naquele espaço, de busca de conhecimento, as transformações são possíveis. “Alguns dos jovens jamais freqüentaram a escola. Outros foram ‘excluídos’ pelo sistema de educação formal”, informa Deice Mara, professora alfabetizadora com 21 anos de magistério e 11 de IPS. “Há meninos que chegam dizendo que não sabem nada, que são burros, que passaram pela escola e não conseguiram aprender nada e não entendem por que ainda têm que vir para cá”, completa Claudia, bióloga que se encantou pela área de educação na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) quando atuava como pesquisadora. Missão difícil e que exige de ambas muita firmeza, olhar atento, habilidade de escutar e, especialmente, capacidade de estabelecer com cada um dos meninos de lá uma relação de extrema confiança, como elas nos contam nesta entrevista.

Quantas escolas há em todo o sistema do Degase?

Claudia – São cinco, uma em cada unidade, o que garante ao menino interno o direito de estudar, como determina o Estatuto da Criança e do Adolescente. Todas essas escolas pertencem ao sistema da Secretaria Estadual de Educação.

Em que medida elas são diferentes das outras escolas do sistema formal de ensino?

Claudia – Há pouco tempo essas instituições foram reconhecidas por lei como escolas diferenciadas (como as escolas indígenas, as escolas em quilombos, por exemplo). Assim, podem ter projetos próprios voltados especialmente a seu público e que sejam adequados também ao tempo de permanência de cada um dos alunos nas unidades. Imagine que nas escolas do sistema do Degase (menos a do IPS) há meninos que passam dois meses, outros seis, alguns um ano. As turmas, portanto, são extremamente dinâmicas. Por isso, o trabalho tem que ser diferenciado em termos de planejamento, de metodologia. Não faz sentido eu chegar na minha aula e dar tabela periódica, por exemplo. Até porque o menino pode assistir a um mês de aula e ir embora. O que estamos *batalhando* (as equipes dessas escolas) é por um projeto único que seja aplicado a todas as instituições das unidades do Degase. Assim, garantiremos aos meninos a continuidade dos conteúdos. Pretendemos construir um projeto pedagógico único nessas escolas. Já houve uma reunião de integração entre os professores, estamos conversando.

E a escola do Instituto Padre Severino? Me parece que é a mais diferenciada de todo o sistema...

Claudia – É verdade. Aqui o menino fica até 45 dias. Trabalhar um conteúdo formal, mesmo de Peja, fica complicado em função do tempo que temos. Damos, sim, conteúdo, seguindo na medida do possível o currículo mínimo do sistema. Por isso, damos ênfase ao trabalho de resgate dos meninos para a escola, mesmo porque muitos deles quando chegam aqui já estão fora da escola formal há muito tempo.

Deice Mara – Alguns jamais freqüentaram a escola, independentemente da idade. Outros



Professoras do Instituto Padre Severino, Cláudia Mendes e Deice Mara Nicolau destacam a necessidade de estabelecer com cada aluno uma relação especial e única

chegam aqui dizendo que são burros, que não querem vir para a escola.

Claudia – Há garotos que chegam contando suas histórias de passagem pela escola e dá para perceber que na primeira dificuldade que tiveram não conseguiram ir em frente.

Como funciona na prática o trabalho de vocês?

Claudia – Nosso trabalho não é dissociado do conteúdo escolar, só que o desenvolvemos a partir de oficinas, porque não é possível em 45 dias seguir à risca o currículo mínimo. Portanto, agrupamos os alunos, na hora em que chegam, por segmentos e seguimos com as oficinas desenvolvendo conteúdos a partir de temas gerais, de acordo com o nível daquele grupo. Há oficinas de linguagem em que trabalhamos com diferentes textos, músicas, vídeos etc.; temos a de matemática; a oficina ambiental, com conteúdo de história, geografia e ciências;

uma oficina de vivência, onde são trabalhadas questões de identidade; e uma última chamada Recriarte, em que professores de educação física trabalham a psicomotricidade, a recreação e o lazer propriamente ditos e jogos. Nessa hora há uma integração entre eles muito grande, eles esquecem por alguns momentos que são “inimigos” lá fora.

Há turnos?

Claudia – Da manhã e da tarde. São duas oficinas por turno. Desta forma, conseguimos atender a quase todos os meninos da unidade. Todos os adolescentes que estão na casa passam na escola.

Como é a relação com os alunos nas oficinas?

Claudia – Reconhecemos cada um como um sujeito e não como um grupo. Eles não são um bando, são cada um. Impomos algumas regras ►



também, idéia imprescindível para o processo de resgate dos meninos para a escola. Ajudamos eles a entenderem que a escola tem limites, tem regras, horário e tem conteúdo a ser ensinado, e que eles devem registrar de alguma forma. O que fazemos com eles é sobretudo mostrar que a escola é possível para eles, que eles podem transitar pelo espaço escolar livremente.

Como é o primeiro contato com os alunos, o que vocês observam?

Claudia – Fazemos uma conversa de sensibilização, uma entrevista, que nos dá a situação do aluno em relação à escola.

Deice Mara – O que observamos é se há rejeição, se há enfrentamento. Para alguns garotos a escola é uma novidade. Para muitos, a imagem trazida da escola é a da instituição que o expulsou. Alguns reclamam durante a aula: “Estou aqui dentro e ainda tenho que estudar?!”.

E aí, como vocês procedem?

Claudia – É um trabalho duro de conquista desses alunos. Se o menino diz “não quero”, logo o chamamos para conversar sobre outro assunto. Dizemos a ele que ele sabe muita coisa, que deve ter opinião sobre algo de que goste,

ou sobre o assunto que estamos dando em sala. Chamamos, por exemplo, para ouvir música quando no planejamento da aula está prevista a atividade. Se fica muito resistente mesmo, digo a ele: “Tudo certo, não tem problema não querer agora, mas não vou mandar você de volta para o alojamento. Fique aqui acompanhando apenas o trabalho que estamos fazendo, sentado, ouvindo”. Aí ele pergunta: “Posso desenhar?”. E eu digo que não, que ele deve ficar sentando acompanhando como foi acordado antes. Aí entra o trabalho das regras, do limite, que é fundamental desenvolver com eles. Dificilmente um garoto, depois de algum tempo, não vai querer participar da aula.

Deice Mara – Sempre entendemos que a resistência do menino tem um motivo. Vamos então tentar conversar com ele, olho no olho, para saber o que está acontecendo. Falamos que entendemos que ele está longe dos amigos, da família, da namorada, ou que não deve ter dormido bem, vamos *jogando* a conversa até percebermos que ele quer falar alguma coisa. Ele sempre fala. E é neste momento que ganhamos a sua confiança. Ele nos conta que a mãe não pôde vir visitá-lo, que a namorada não conseguiu entrar e ouvimos tudo sem julgar. O importante é mostrar para ele que aqui ele pode

se expressar, pode se sentir à vontade para falar. No final de cada oficina sempre oferecemos a ele um momento de lazer.

Que estratégias vocês usam no dia-a-dia?

Claudia – A primeira delas é a organização do trabalho por oficinas, só possível aqui por conta do tempo que temos para desenvolver as atividades. Planejamos coletivamente sempre, nunca fazemos um trabalho individualizado. Fazemos reuniões pedagógicas com toda a equipe regularmente para discutir as estratégias em sala de aula. É o fato de termos o apoio um do outro [entre professores] que nos ajuda a planejar, avaliar e repensar os rumos de tudo o que fazemos aqui. Quando começa a não funcionar, nos reunimos e replanejamos conjuntamente. Outra coisa, na sala de aula estamos sempre atentos para flexibilizar se for preciso. Vou dar um exemplo: uma vez estava começando a dar uma aula sobre tempo–dia–noite e acabei dando uma aula sobre cadeia alimentar–vida, porque as perguntas foram me levando para o assunto e mudei radicalmente. Isso pode ser bom ou ruim. Aqui é bom e só é possível porque o importante é resgatar o menino para a escola, é fazer ele entender que escola é um espaço de busca do conhecimento. Quando temos que atender a um currículo mínimo, como nas escolas regulares, muitas vezes não dá para fazer mudanças radicais. O que não podemos nunca é deixar os alunos sem resposta. E há um outro ponto que é um facilitador: as turmas não são cheias, o que favorece um trabalho mais individualizado.

E para você?

Deice Mara – Aqui temos muita *escuta*. Eles adoram contar a história deles. Escutá-los é importante porque é nesse momento que a gente percebe a relação que eles estabeleceram com a escola e determinamos como e por onde vamos começar o nosso trabalho. Muitas vezes percebemos que a própria família não deu conta dos ajustes para que aquela criança continuasse indo à escola. Eles falam: “Minha mãe me matriculou uma vez quando eu tinha seis anos, mas não conseguiu vaga e deixou *pra lá*”. Eles mesmos dizem que não sentiram vontade de tentar. Para nós é muito importante que o aluno entenda que ele é mais que um número,

um nome, uma pessoa. Uma coisa que fazemos aqui é tentar tirar o apelido com o qual o aluno se identifica. Começamos a resgatar a identidade dele e a chamá-lo pelo nome. No início ele estranha, começa a rir, às vezes não quer que o chamemos pelo nome em voz alta. A identidade deles está tão marcada pelos apelidos que eles não se reconhecem pelo nome. Tem um peso positivo para eles serem chamados pelo nome (até por nem perceberem que um dia tiveram um nome), entenderem que aqui são alunos que têm nome e não apelido.

O que o professor que vem para lecionar aqui precisa entender?

Deice Mara – Que deve estar aberto a mudanças, não achar que a sua posição é de mais saber do que a dos alunos, estar aberto à troca. Trocamos com eles o tempo todo.

Claudia – Não dá para vir com a aula totalmente fechada, com caderninho feito, que não possa se flexibilizar. Um mesmo conteúdo tem diferentes visões e isso é muito bom para os alunos. Há aulas que planejamos em conjunto com dois professores e discutimos em sala as diferentes visões com os meninos.

O que é preciso para a transformação aqui ser possível?

Claudia – Valorizar esses meninos como seres humanos. Ninguém está achando que estão aqui por engano. Às vezes eles querem contar o motivo que os fez vir para cá e só ouvimos. Aqui eles falam coisas que lá fora não falariam para ninguém. Estabelecemos uma relação de confiança que os ajuda a não se sentirem ►



julgados. Mas não só aqui, como em todas as escolas, é preciso que o professor acredite no seu trabalho, naquilo que ele próprio e seus alunos sabem. Na sala de aula é o professor que sabe o melhor caminho a seguir e ele deve apostar nisso.

Deice Mara – Entender também que devemos estar atentos a tudo o que o aluno quer nos falar, até porque na maior parte das vezes ele não teve oportunidade lá fora de se posicionar, de ser escutado. No que diz respeito especificamente à alfabetização, que é a minha área, posso dizer que é importante ter noção de que *ninguém*, nem aqui nem em qualquer outra escola, se alfabetiza ao mesmo tempo. Os momentos de cada um são diferentes. A alfabetização funciona como um todo, até o corpo fala! Trabalhei certa vez com um adolescente lá de uma unidade do Degase, em Bangu, que ficava no canto, sentadinho, no

fundo da sala. Eu sempre falava com ele, até que um dia ele sentou e escreveu. Aprendi que embora ele estivesse lá, no canto, estava tendo uma experiência diferente da que os outros alunos tiveram, tive que respeitar.

Claudia – Tem outra coisa importante: aqui tentamos desconstruir a noção equivocada de grupo, de bloco, até porque eles vêm com a idéia de facções. É uma desconstrução pesada, que exige muito aprendizado de todos nós, conversa olho no olho, escutar...

Deice Mara – Ainda é difícil no cotidiano lidar com jovens que são de facções diferentes, com idéias diferentes, e convivem em um mesmo espaço físico de sala de aula. Eles têm formas de sentar diferentes. Temos que, durante a aula, fazer com que eles esqueçam que estão no IPS e lembrem que estão em uma sala de aula. Às vezes somos bem sucedidos, às vezes não conseguimos de jeito nenhum. Aqui a sala de aula deve se impor ao próprio espaço do Padre Severino como instituição.

É um trabalho constante de valorização do espaço escolar...

Claudia – E é desgastante, ficamos esgotadas. Às vezes temos seis alunos que valem por 30. Todo o tempo o aluno exige muito, quer muito a nossa atenção, individualmente. Todo o tempo dizemos para ele que a escola tem valor, que aqui ele pode fazer diferente e fazer diferença, que ele pode ser responsável pela própria transformação aqui dentro.

Deice Mara – Mostramos que aqui, nesta escola e em qualquer outra que ele freqüentar, há outras formas de participar, de conquistar espaço, de se posicionar, sem se rebelar, sem destruição ou vandalismo.

Como é o sistema de avaliação de vocês?

Claudia – É basicamente um relatório individual, mas ainda estamos analisando, construindo. Há uma primeira avaliação, quando o jovem chega, para percebermos em que nível ele está. É uma entrevista para saber se estava na escola, até que série estudou, quando parou. Quando ele não sabe escrever, nós anotamos para ele a resposta.

Deice Mara – É um trabalho diário, até porque às vezes ele sai para uma audiência e não volta. Então temos que estar com as observações





sempre atualizadas. Aqui fornecemos uma declaração de frequência e uma avaliação para constar de seu relatório geral.

O aluno pode ser certificado pela escola do IPS?

Claudia – Pode sim. A avaliação vai para o relatório dele. Muitas vezes o menino passou apenas por duas oficinas e já vai embora, mas temos que avaliá-lo da mesma forma porque precisa do documento para continuar os estudos lá fora. Mas, como falamos, a avaliação ainda é um nó a desatar.

E o planejamento, como funciona?

Claudia – Fazemos uma reunião geral com todos os professores e criamos um tema para um determinado período de tempo (pode ser um ano, um semestre, dois meses) e trabalhamos em todas as oficinas. Procuramos perceber os interesses dos alunos para mudar os temas, se for necessário. Temos também reuniões constantes de professores por oficina. Há mais de um professor por oficina e muitas vezes professores de oficinas diferentes trabalham

em duplas em um mesmo conteúdo. Montamos as aulas de forma conjunta.

Como vocês lidam com os adolescentes que reincidem?

Claudia – Eu não chego a me frustrar. Sempre penso neles e digo: “Você está aqui de novo.. o que veio fazer aqui?...” Tento entender e até espero que isso aconteça às vezes. É muito difícil lá fora e aqui dentro também. O IPS tem outros espaços e temos que trabalhar com isso também. Eles têm que ser motivados, temos que oferecer a eles espaço para pensar e fazer algo diferente. A escola, seja esta aqui ou as regulares lá de fora, não dá conta sozinha. Não posso imaginar, então, que eu sozinha vá transformar completamente esse menino. Imagino, sim, que aqui é um início e lá fora o trabalho deve ter continuidade.

Deice Mara – Às vezes eu me sinto frustrada e algumas horas falo para eles: “Apostamos tanto, por que esta volta?” O que percebemos nas respostas é exatamente a questão da falta de *escuta* lá fora, de parcerias com eles para que continuem no caminho da transformação. ■



Em 10 anos foram realizados 3 mil concertos gratuitos

Acordes em cenário de arte

Projeto promove concertos gratuitos de música instrumental em museus e espaços culturais do Rio

TEXTO
RENATA PETROCELLI

FOTO
DIVULGAÇÃO

Muita gente associa silêncio, formalidade e até uma certa sisudez aos museus. Mas há pouco mais de 10 anos um grande número de cariocas – de olhos e ouvidos bem abertos – vem construindo outra imagem desses centros de cultura. Nos jardins, salões ou corredores de espaços tão diversos como o Museu Nacional de Belas-Artes, o Parque das Ruínas, o Museu de Arte Moderna, a Biblioteca Nacional e o Museu do Exército ecoam os acordes do projeto Música no Museu, que ostenta números expressivos: cerca de 3 mil concertos gratuitos, com a participação de mais de 5 mil músicos e uma platéia de mais de 200 mil pessoas. Os programas têm por objetivo formar platéias para a música e aproximar o público dos museus, combinando repertórios musicais e eventos de artes plásticas. Para o diretor do projeto, Sérgio da Costa e Silva, a longevidade do Música no Museu já é um excelente cartão de visitas. “Comemorar 10 anos de projeto é uma façanha. Nesse período, nunca cancelamos um só concerto e isso nos deu grande credibilidade. A crítica, a mídia e o público sabem que, quando anunciamos um concerto, ele acontece”, ressalta Sérgio.

Tudo começou em 1997, com uma apresentação do violonista Turibio Santos no Museu Nacional de Belas-Artes. Naquela época, a idéia era realizar concertos semanais. De lá para cá, o número de apresentações cresceu e o projeto ganhou a estrada, seguindo para o interior do Rio de Janeiro e cidades como São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, além de capitais do Sul e do Nordeste. No Rio de Janeiro, a lista de cenários desses encontros musicais inclui 30 dos melhores museus e centros culturais da cidade. Dependendo da programação, o público ainda leva de brinde uma paisagem abençoada, como um pôr-do-sol a bordo da escuna que conduz os visitantes do Centro Cultural da Marinha à Ilha Fiscal, palco de um dos últimos concertos de 2007.

A intenção, desde a concepção do projeto, é justamente aliar a música aos cenários e programações que os museus já oferecem, diversificando o público e criando uma atração de alta qualidade e custo zero. Segundo Sérgio, a grande maioria da platéia ainda é formada por público de terceira idade, mas o número de jovens vem crescendo significati-

SERVIÇO

Os professores interessados em levar seus alunos aos concertos devem ligar para 2233-6711 ou 2253-8645, ou enviar mensagens para musicanomuseu@ig.com.br ou carpex@bigghost.com.br.

vamente. “Nossa intenção é quebrar barreiras em relação a eventos de música clássica e de outros gêneros e aos locais onde acontecem as apresentações”, ressalta. Os jovens são um alvo prioritário do projeto. Tanto que as escolas merecem atenção especial dos organizadores. Professores podem reservar os lugares de seus alunos nos concertos da série, contando ainda com uma visita às exposições dos museus logo depois das apresentações.

Sangue novo – Da mesma forma que a platéia, os jovens músicos também têm lugar garantido no projeto. Ao lado de grandes nomes da música, como Nelson Freire, Arthur Moreira Lima, Arnaldo Cohen, Yamandu Costa e João Carlos Assis Brasil, brilham novos expoentes. “Queremos incentivar jovens músicos, dando a eles a oportunidade de se apresentar em locais de prestígio, para uma platéia interessada e conhecedora. Foi o que aconteceu com o pianista Pablo Rossi, de apenas 14 anos, ganhador do concurso Nelson Freire de piano. Ele se apresentou com a Orquestra Sinfônica Brasileira no Theatro Municipal num dos concertos da série”, exemplifica Sérgio.

Em 10 anos de estrada, o Música no Museu vem ganhando novas cores. No ano passado, foi realizado o I Encontro de Empreendedorismo no Meio Musical, reunindo músicos, compositores, entidades e empreendedores ligados à música e o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), no Conservatório Brasileiro de Música. Para 2008, está previsto o II Encontro, desta vez na cidade fluminense de Engenheiro Paulo de Frontin. Além disso, o ano verá o lançamento do livro *Música no Museu, 10 anos*, que conta a trajetória do projeto em números, história e registros fotográficos, além de depoimentos do pianista Nelson Freire, da escritora Nélida Piñon, do presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, Eleazar de Carvalho Filho, e do ministro da Cultura, Gilberto Gil. Outras propostas em andamento são a realização de concertos em estações de trem desativadas no interior do Rio de Janeiro e o I Concurso Música no Museu de Jovens Solistas. “Estamos esperando a participação de muitos jovens valores, que nos permitirão contar com uma nova safra de músicos para o projeto”, adianta Sérgio. ■

Música no Museu, 2008

Este ano, o projeto realizará cinco séries de concertos, uma vinculada a cada uma das estações do ano e mais os Concertos de Natal. Além disso, em maio será realizado o III Festival Internacional de Harpas. Segue abaixo a programação do mês de fevereiro:

- **Dia 8, 15h** – Centro Cultural Justiça Federal. Theatro de Ópera Zola Amaro. Programa: Giuseppe Verdi e Puccini.
- **Dia 9, 18h** – Museu do Exército, Forte de Copacabana. Encontro de corais. Programa: Villa-Lobos e Tom Jobim.
- **Dia 10, 11h30** – Museu de Arte Moderna. Rebeca da Coll, piano. Programa: Brahms, Debussy, Dinastera e Francisco Mignone.
- **Dia 12, 12h30** – Paço Imperial. Jerzy Milewsky, violino, e Aleida Schwarz, piano. Programa: Paganini, Bach, Sarasate e Luis Avelar.
- **Dia 13, 12h30** – Museu da República. Silas Barbosa, piano. Programa: Chopin.
- **Dia 14, 12h30** – Museu da República. Maria Luiza Colker, piano, e Bernardo Katz, violoncelo. Programa: Beethoven, Forêt e Chopin.
- **Dia 15, 12h30** – Centro Cultural Light. Bruce Henri Quarteto. Programa: Villa-Lobos em ritmo de jazz.
- **Dia 17, 11h30** – Museu de Arte Moderna. Duo de piano e Marcelo Bambam, trombone. Programa: Villa-Lobos, Tom Jobim.
- **Dia 19, 19h30** – Mosteiro de São Bento. Quinteto Carioca de Sopros. Programa: Mozart, Ernesto Nazareth, G. Bizet.
- **Dia 20, 12h30** – Museu da República. Bóris Marques, piano. Programa: Chopin, Liszt, Händel, Ernesto Nazareth.
- **Dia 21, 12h30** – Museu da República. Trio Uno. Programa: Tributo a Piazzolla.
- **Dia 22, 15h** – Centro Cultural Justiça Federal. Alexander Chamrelli, piano. Programa: Chopin, Händel.
- **Dia 24, 11h30** – Memorial Getúlio Vargas. Madrigal Nova Harmonia. Programa: Brahms, Padre José Maurício.
- **Dia 25, 18h** – Casa de Cultura Laura Alvim. Grupo Música Surda. Programa: músicas inéditas do grupo.
- **Dia 26, 18h** – Museu do Exército, Forte de Copacabana. Conjunto Pedra Lispe. Programa: Guerra Peixe, Villa-Lobos.
- **Dia 27, 12h30** – Museu da República. Ângela Passos, piano. Programa: Beethoven, Schubert.
- **Dia 28, 12h30** – Museu da República. Maria Luiza Colker, piano, e Bernardo Katz, violoncelo. Programa: Beethoven, Schumann.
- **Dia 29, 12h30** – Museu Histórico Nacional. Ângela de Carvalho, voz, Sérgio Lavor, voz e piano, e Joabe Ferreira, voz e piano. Programa: árias de óperas.

Diversão com conhecimento

Portal cria o jogo '1808 – a aventura real' com fatos que levaram à vinda de D. João para o Brasil

TEXTO

ELIANE BARDANACHVILI,
EDITORA DO PORTAL MULTIRIO

Batalhas, invasões, tratados, convenções secretas, disputas de poder... Foram muitos os fatos ocorridos na Europa que precederam e determinaram a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil. Conhecê-los e compreendê-los ajuda a perceber a história como um processo, não como uma coleção de situações estanques. Visitando o Portal MULTIRIO, é possível fazer isso brincando. A partir de 23 de fevereiro, estará no ar o jogo *1808 – a aventura real*, que a equipe *web* preparou para dar início à série de conteúdos do portal que marcarão as comemorações dos 200 anos da chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro, em 1808.

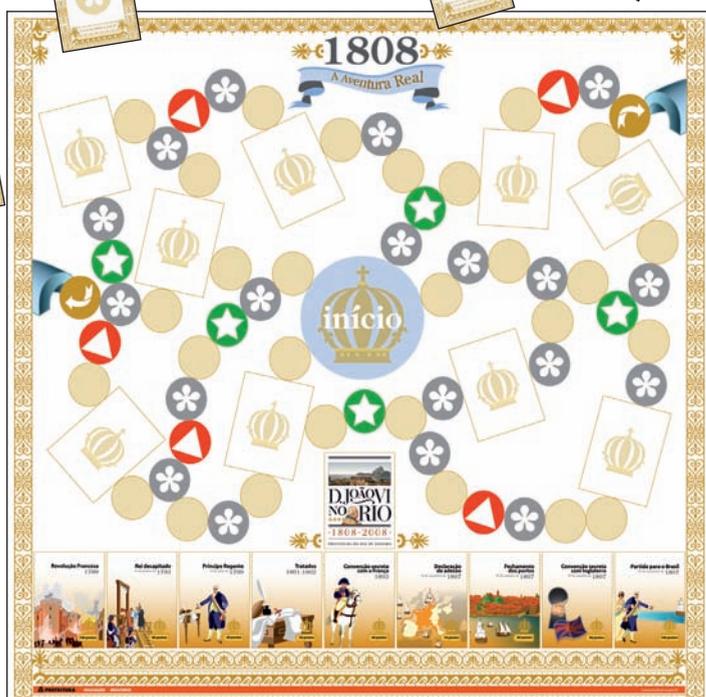
Apresentado em formato .pdf, o jogo pode ser baixado para o computador, impresso em papel comum, em cores ou em preto-e-branco,

e montado de forma bem simples. É possível imprimir quantos jogos forem necessários, podendo-se reunir vários grupos de até seis jogadores em torno de diversos tabuleiros.

O jogo se movimenta a partir de 36 cartas, nas quais é contada a história que antecede o período joanino no Brasil. Nove dessas cartas, que valem pontos para os jogadores, contextualizam ações de D. João ou relatam essas ações. A busca por essas nove cartas faz com que os jogadores transitem pelo tabuleiro. As demais cartas associam os acontecimentos históricos a situações de sorte ou revés que podem aproximar ou distanciar os jogadores de seus objetivos. Também fazem parte do pacote a ser impresso as regras detalhadas do jogo, bem como sugestões para utilizar o material em outras brincadeiras.

A Revolução Francesa, em 1789, e a deposição, quatro anos depois, do rei francês Luís XVI, que é decapitado, deflagram uma crise nas monarquias européias, que se sentem ameaçadas pelos ideais revolucionários. Esses países formam uma sucessão de coalizões contra a França, e, nesse contexto, ascende ao poder o militar francês Napoleão Bonaparte. As seguidas vitórias dos exércitos napoleônicos espalham os ideais liberais pelo continente e se transformam, a partir de 1804, numa cruzada expansionista que terá na Grã-Bretanha a sua maior opositora. O jogo *1808 – a aventura real* mostra o desenrolar desse conflito que resultou no embarque da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 29 de novembro de 1807.

Os detalhes desses acontecimentos são apresentados também em matéria jornalística publicada no Portal MULTIRIO, acompanhando o jogo. Para baixar, imprimir e montar *1808 – a aventura real*, acesse www.multirio.rj.gov.br. O acesso ao jogo é um dos destaques da página inicial. Mas lembre-se de que esse conteúdo estará disponível a qualquer tempo, bastando utilizar o mecanismo de busca sempre que se quiser acessá-lo. ■



Tartarugas na cidade grande

Aquário no Zôo da Quinta da Boa Vista abriga primeiro núcleo urbano do Projeto Tamar-Ibama

A RioZôo virou mar. Ou melhor, a cidade levou o mar para dentro do zoológico com a chegada das tartarugas do Projeto Tamar ao aquário instalado no fim da Passarela da Fauna. Mas os cariocas podem visitar duas espécies apenas: uma tartaruga-de-pente e uma tartaruga-cabeçuda, que vieram da base do Tamar de Ubatuba (SP). Segundo o biólogo Geraldo Espinola, essas são as espécies que melhor se adaptam ao cativeiro.

Apesar de ser uma cidade litorânea, o Rio ainda tem pouca tradição na área marinha, o que muda com a parceria da RioZoo, a única a expor animais do Tamar. Isto traz dois benefícios: dá mais visibilidade ao projeto e contribui para a conservação das espécies, através da educação ambiental dos visitantes, “sensibilizando-os sobre a proteção e o respeito a estes animais”, explica o biólogo. O local dispõe ainda de painéis educativos e exibe vídeos e DVDs para o público aprender um pouco mais sobre a vida dos bichinhos.

Mas abrigar espécies marinhas em outro ambiente não é fácil. As tartarugas moram em um tanque com 12 mil litros de água, mantidos por duas bombas e dois filtros de água, sendo um biológico (com carvão ativado, areia, saibro e tecido agrilona), funcionando 24 horas por dia, e, o outro, um ozonizador – para matar as bactérias. Além disso, o fundo do tanque é constantemente aspirado para a retirada de restos de alimentos. A água é salgada e o pH, mantido em cerca de 7,2, o mesmo nível encontrado no mar.

A adaptação das nadadoras foi tranquila, de acordo com Espinola, tirando um pouquinho de dificuldade da tartaruga-cabeçuda para aceitar a alimentação em cativeiro. Mas a dieta é de fazer inveja a qualquer amante de frutos do mar. O tratador responsável pela alimentação leva para a dupla, às terças, quintas e sábados, cinco quilos de peixes (merluza, xerelete e pargo), além de lulas, camarão e siri.

São diversos os obstáculos que as tartarugas marinhas, em qualquer fase da vida, têm que

enfrentar, principalmente por causa do homem. Para se ter uma idéia, de cada mil filhotes que nascem, somente um ou dois conseguem atingir a maturidade. “O maior responsável pelo risco de extinção sofrido por elas é o ser humano. Portanto, devemos respeitá-las e mudar nossas ações”. Ele explica que o lixo no mar, principalmente o de objetos de plástico, é fatal quando ingerido pelos animais. Na esperança de que conhecendo as espécies as pessoas se comportem na praia com mais cuidado, o biólogo faz um convite. “Venham conhecer as nossas tartarugas marinhas e aprender conosco a amá-las”. ■

TEXTO
BETE NOGUEIRA

Ondas da evolução

O Projeto Tamar surgiu em 1980, alguns anos após as tartarugas marinhas aparecerem na lista das espécies ameaçadas de extinção. Pesquisadores levaram dois anos percorrendo o litoral brasileiro para a identificação das espécies, locais e período de desova e os principais problemas relativos à exploração. Em 1992, a instituição chegou a 1 milhão de filhotes protegidos e liberados ao mar. Em 2007, esse número passou dos 8 milhões.

As tartarugas marinhas existem há mais de 180 milhões de anos. Com origem na terra e gradual evolução para o mar, elas sobreviveram a inúmeras mudanças do planeta. O número de suas vértebras diminuiu e as que restaram se fundiram às costelas, formando uma carapaça resistente e leve. Perderam os dentes, ganharam uma espécie de bico e suas patas se transformaram em nadadeiras. Existem sete espécies de tartarugas marinhas: cabeçuda, oliva, tartaruga-de-pente, verde, tartaruga-de-couro, *flatback* e lora (ou *Kemps Ridley*).

FONTE: SITE DO TAMAR

SERVIÇO

RioZoo – Quinta da Boa Vista, s/nº,
São Cristóvão. Tel.: 3878-4200.

- www.rio.rj.gov.br/riozoo
- www.tamar.org.br

Este mês, NÓS DA ESCOLA publica os sumários das edições 41 e 42.



Revista nº 41
Ano 4/2006

- **Zoom** – Qual a imagem mais marcante que você tem na memória?
- **Ponto e contraponto** – Helenbar no país de Alice. Helena de Barros
- **Carioca** – Casa da cultura portuguesa. Real Gabinete Português de Leitura
- **Século XXI** – Alunos que se tornam autores
 - **Parceria** – O limite do Sistema Solar (Fundação Planetário)
 - **Pan 2007** – Eternos xodós dos torneios. Mascote do Pan 2007
 - **Professor on-line** – Música a um clique do 'mouse'. Passeio virtual por uma orquestra
 - **Olho mágico** – Um universo de descobertas. Pais sociais e professores do Programa de Alunos Residentes visitam a MULTIRIO
 - **Caleidoscópio** – Tempo para adaptação (IHA)
 - **Rede fala** – Professores-leitores para formar alunos-leitores (Marcela Afonso Fernandez)
 - **Atualidade** – Uma revolução incompleta. TV digital
 - **Matéria de capa** – Múltiplas expressões do olhar. Ludicidade e imagem
 - **Artigo** – Animencontros: espaços interativos de resignificação (Carlos Alberto Machado – pedagogo)
 - **Presente do futuro** – Torcer, sim, mas sem brigas. Torcidas organizadas
 - **Pé na estrada #1** – Aula com recheio brasileiro – Ciep Tancredo Neves
 - **Pé na estrada #2** – Ensinaamentos da cidade – E. M. Luiz Delfino
 - **Pé na estrada #3** – Um passado de muita história – E. M. Rosa da Fonseca
 - **Perfil** – A 'locomotiva' Nair de Teffé
 - **Foi assim** – Reserva natural da cidade. Serra do Mendanha
 - **Cartaz** – Professor, escolha com seus alunos e cole aqui uma imagem que represente a turma
 - **Giramundo** – 'Blog'

Revista nº 42
Ano 4/2006

- **Zoom** – Em que lugar você acha que é impossível se divertir?
- **Ponto e contraponto** – Sorrir para esquecer a dor. Doutores da Alegria
- **Pan 2007** – Pelo prazer de participar. Voluntariado do Co-Rio
 - **Carioca** – Rio de janeiro, cidade de bamba. Samba na Lapa
 - **Século XXI** – Experiência de integração. 'Chat' entre alunos
 - **Parceria** – Convivência e sociabilidade. Creches Sempre Vida
 - **Rede fala** – Educação 'versus' paradigmas do meio ambiente (Elizabeth Cristina Ribeiro Silva – E. M. Presidente Antônio Carlos)
 - **Olho mágico** – Na pauta, o 'Era uma vez...' Encontro Internacional Rio Mídia
 - **Caleidoscópio** – Valorização de conhecimentos
 - **Professor on-line** – Para pintar o retrato de um pássaro. Homenagem ao Dia do Professor
 - **Matéria de capa** – Um exercício de felicidade. Ludicidade e espaço
 - **Artigo** – A vez do talento. Projeto Talento da Vez (SMAS e SMC)
 - **Atualidade** – Fatos de uma guerra sem fim. Conflito Israel x Líbano. Oriente Médio
 - **Presente do futuro** – Conversa sem hora marcada Falar sobre morte
 - **Pé na estrada #1** – Unidos por um mesmo ideal – Núcleo de Artes Grécia
 - **Pé na estrada #2** – Um sistema em construção – 6ª CRE
 - **Pé na estrada #3** – A hora da alegria na escola – E. M. Gastão Monteiro Moutinho
 - **Foi assim** – Porta de entrada para o Rio. Zona Portuária
 - **Perfil** – Uma vida dedicada à música. Rada-més Gnatalli
 - **Cartaz** – Santos Dumont
 - **Giramundo** – Cinema – história ■



A solução está no diálogo

Pactos e negociações coletivas ensejam alternativas para resolver problemas e enfrentar desafios

Certo dia...

Minha aluna da classe especial de retardo mental da rede municipal, de 12 anos, fez o seguinte relato oral durante uma atividade em que eu queria trabalhar com a turma sobre o tema medo:

“Eu não tenho medo de rato. Tenho medo de barata. Na minha casa tem muitos ratos e eles ficam atrás do fogão e entram num buraco que tem atrás da geladeira. Eles ficam pendurados no pau que tem no telhado. Entram na panela de arroz, fazem cocô e sujeira e azedam o feijão. Por isso nós só estamos comendo arroz.”

Questões, tensões, reflexões

Tomar consciência dessa situação gerou em mim muitas dúvidas: que sentidos essa criança dá ao binômio higiene/saúde? Quando falo que ela deve comer frutas lavadas, o que será que ela pensa? Se durante o recreio alguém chama a sua atenção, porque pegou e comeu um pedaço de carne que caiu no chão, o que ela imagina? Será que entende o motivo da repreensão?

Ratos e baratas são animais que identificamos como transmissores de doenças, mas como agir com o gato ou com o cachorro de estimação? Afinal de contas, os dois são animais também.

Até que ponto eu, como professora, conheço de verdade a vida de cada um de meus alunos? Será que é possível sempre valorizar a realidade deles ou apenas respeitar como verdadeira a realidade da minha aluna?

E quando me assusto ou me sinto ameaçada com fatos reais da vida deles? É possível ignorar questões que geram tanto desconforto em mim? O que meus alunos sabem sobre a minha vida? Que realidades são mais próximas ou mais distantes do meu tipo de vida? Até que ponto a realidade de vida de cada aluno afeta ou deve afetar a vida de seus professores?

Que sentidos cada um dos professores da minha escola dariam a essa e a outras situações cotidianas que acontecem na minha turma? O



que os demais alunos do grupo pensam sobre o que foi descrito pela colega?

Provavelmente esse relato deve ter causado emoção, nojo, susto, raiva, tristeza e o que mais? Quantos relatos como esse, carregados de significados e de vida, não ficam guardados, adormecidos e são omitidos por timidez, vergonha, insegurança, medo de algum tipo de repreensão etc.?

O fato é que essa minha aluna expressou uma parte da realidade de sua vida, que tem significado para ela. Ao ouvi-la, mostrei interesse por ela, por sua vida, sua história, possibilitando uma interação mais efetiva entre nós.

Os possíveis porquês

Uma das funções da escola é acolher a diversidade de experiências de vida presente em cada sala de aula, em cada escola, de forma respeitosa, considerando que na maioria dos casos não se trata de opção, mas de imposição socioeconômica, cultural ou até mesmo religiosa.

Cada uma das turmas é formada por alunos que representam realidades muito variadas, às vezes sem qualquer elemento de identificação que possa ser sentido ou percebido de imediato. É sabido que cada um deles tem uma ▶

TEXTO

EQUIPES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SME) E DA MULTIRIO

ILUSTRAÇÃO

DAVID MACEDO

história de vida que é única, repleta de experiências e expectativas subjetivas.

Ao participar de diferentes contextos sociais, crianças e adolescentes constituem conhecimentos e se constituem a partir do encontro de diversas histórias presentes nas variadas relações interpessoais que estabelecem. Neste sentido, a sala de aula é um espaço social muito privilegiado, de convivência diária, o que facilita que nela apareçam e se expressem os diferentes modos pelos quais cada aluno lida com os objetos de conhecimento.

Essa defesa do que é único, subjetivo e particular não deve levar à idéia equivocada de que os conceitos, as histórias pessoais e as certezas de cada um são estáticos e definitivos. Ao

contrário, a garantia do reconhecimento e do respeito às diferenças é imprescindível para entender que existem pontos de vista diferentes dos nossos, outras formas de ver o mundo, de ser visto, de compreender e de ser compreendido, de relacionar pessoas e coisas – todas legítimas e sobre as quais não devemos fazer juízo de valor, nem considerá-las melhores ou mais corretas.

Todos nós somos diferentes e reconhecer e respeitar as diferenças, principalmente na escola, é imprescindível para garantir espaço, sentido e apropriação do que podemos chamar de “conhecimentos novos” ou parcialmente desconhecidos, mas que precisam ser compartilhados e apropriados por todos como um direito.

Modos de ver e agir

1. Do professor do caso

– Não está embutida aqui nenhuma intenção de considerar a realidade descrita como desejável ou apropriada ao ser humano. O que fiz foi interferir na situação de modo a auxiliá-la e à sua família, na medida do possível, para que juntas constituam outros conceitos e atitudes que lhes garantam melhores condições de higiene e de saúde. Mas isso só foi possível porque eu entendo um pouco o que a minha aluna pensa, o modo como age em relação ao assunto, enquanto converso com ela, ouvindo-a com muito respeito.

Reflieto sempre com meus alunos sobre suas vidas, sem preconceitos ou valorações pessoais, sobre suas falas, histórias e ações. Proponho pactos e negociações coletivas que permitam que eles encontrem alternativas para resolver problemas e enfrentar desafios. Valores e atitudes precisam ser reconstruídos, ressignificados, discutidos, para que possam ser apropriados e transformados. Repreensão por si só não transforma nem educa ninguém, além de muitas vezes afastar os alunos uns dos outros e de nós, professores.

A solução está no debate, na discussão, na análise e não na constatação, lamentação ou repreensão.

2. Diretora convidada: Susana Lourenço

– Isso é avaliação! Vejo com bastante concretude um rico exemplo do processo avaliativo tão entrelaçado no dia-a-dia do professor. É nesse levantar de inquietações, que sempre tem a intenção de incluir, que podemos verificar nossas novas possibilidades de construção e rever a nossa prática; de acrescentar e/ou rever prioridades; de procurar dar outros rumos que, como mediador, procuramos para incentivar, cutucar e motivar a busca de outras descobertas e de outras possibilidades em nossos alunos que possam dar-lhes uma visão mais alargada do mundo que os cerca.

O resultado dessa prática de observação consciente e crítica pode ser, tanto para o aluno quanto para a turma, o elemento instigador que os levará a rever suas vidas, podendo levá-los a superar alguns limites e a exercitar, através da busca de informações/ soluções, uma construção mais criativa e cidadã de suas vidas.

Para esse momento ser ainda mais rico, nesse exercício de ouvir, falar, perguntar, responder, acrescentar dados, criar conexões com outras informações e vivências, é importante estreitar os laços com a sala de leitura, que fará, junto com a turma e a professora, pontes com outros saberes, através de outras linguagens.

As formas pelas quais cada um vê e convive nesse mundo são refletidas e percebidas no contato social através de ações, valores, gestos e sonhos que se expressam por diferentes formas de linguagem. Do mesmo modo, os valores e conhecimentos são apropriados na interação com outros.

Os alunos falam, pensam e concluem sobre uma realidade que se apresenta, por uma situação-problema, de forma peculiar, individual, a partir de suas vivências, de seus conhecimentos prévios. Desse modo, as crianças atribuem sentidos diversos a uma mesma experiência, a um mesmo objeto de conhecimento. Nós também somos assim e desenvolvemos nossa ação peda-

gógica a partir do que construímos ao longo do tempo, na escola e fora dela, e também atribuímos sentidos muito próprios às pessoas, fatos e objetos. Todo mundo é assim, mas para ser professor é preciso que se tenha consciência disso, ter clareza das diferentes histórias de vida, das realidades e dos sentidos particulares que se reúnem e se entrelaçam no espaço da sala de aula.

Apenas num ambiente favorável à troca e ao diálogo é possível conhecer nossos alunos e suas realidades, e eles a nós. Observar como se relacionam com as situações cotidianas, com seus medos, sonhos, expectativas em relação à escola, a vida que levam fora dela, o que vêem e gostam na televisão... ■

3. Professora convidada: Karina Ferreira de Souza

Primeiramente é interessante entender que medo é algo relativo e construído socialmente. Não existe um medo único, uma verdade absoluta. Sendo assim, o espanto diante de outra realidade não nos deve paralisar em busca da nossa verdade, da realidade conhecida, mas aproveitar para conhecer novas realidades que não são nem melhores nem piores, apenas outras.

O rato é um animal, neste caso, que é mais conhecido pela criança em questão, é um animal que está mais próximo, por isso talvez o medo dele não exista. Em todo caso ela ainda não se deu conta do perigo para a saúde pois este (o perigo) também não faz parte de sua realidade. Neste sentido, diante da proposta de trabalhar o medo (proposta inicial), é possível, junto ao grupo, trabalhar a relatividade do medo, e neste caso é interessante ter alguém que não tenha medo de rato e que sugira um outro olhar para uma realidade mais conhecida do que a professora "ter medo de rato". Ajudaria os outros a repensarem seus medos, inclusive o de rato, possibilitaria perceber que o medo não é inabalável, infinito, determinado. O medo é algo que pode ser mudado. Neste contexto seguiria explorando a riqueza do tema medo. Pensaríamos uma forma de acabar com os

medos, trabalharia com as questões de como é pedir ajuda, quem poderia ajudar, exploraria o entendimento do que nos dá medo. Tendo retardo ou não, o medo existe e é real, ainda que absurdo aos olhos dos outros. Uns têm medo de rato, outros, de barata. Mas nos dois casos há o medo e este é importante para ambos: pode paralisar qualquer um dos corpos. Sendo assim, não deve ser ignorado por nenhum motivo.

No decorrer do trabalho poderiam, então, surgir outras derivas, até mesmo com o espanto diante dos relatos de vida de cada criança e aí derivaríamos. Por exemplo, poderiam aparecer outros medos, inclusive os de rato, fazendo com que a criança pudesse pensar e entender o perigo que o rato representa para os outros, até mesmo para a professora. Num outro momento, surgindo o medo que o rato representa, a própria professora poderia se posicionar dizendo o que o contato com o rato produz. Neste ponto, vários outros assuntos, como o que é saúde e doença, podem surgir e serem aproveitados. Neste caso, os assuntos seriam trabalhados junto ao grupo e não criados a partir de uma repreensão ou mesmo uma regra ou uma lei, que são conceitos, palavras que não estão no entendimento do corpo, que demoram muito mais para serem entendidas.

Diferenças sem desigualdade

Microcomitê de Gênero da Secretaria Municipal de Educação trabalha por um ensino não-sexista

TEXTO
RENATA PETROCELLI

Desde junho do ano passado, um grupo de representantes de diversas instâncias da Secretaria Municipal de Educação (SME) se reúne quinzenalmente para debater, refletir e propor estratégias e políticas destinadas a garantir a equidade de gênero no ambiente escolar, promovendo uma educação livre de preconceitos e capaz de reconhecer e valorizar as diferenças. Em pouco mais de seis meses de atuação, o Microcomitê de Gênero da Educação definiu suas metas e já organizou um primeiro encontro de formação para professores e profissionais da rede de proteção ao educando, realizado em novembro. Coordenadora do grupo, Denise Palha explica que seu surgimento foi uma resposta às proposições do Comitê Gênero e Município, criado no âmbito da Prefeitura, a partir da necessidade de relacionar as políticas de gênero às demandas da educação. "Trabalhar por uma educação não sexista, contribuir para a ampliação do debate relacionado à equidade de gênero incorporado ao currículo escolar, apoiar e validar estratégias educativas que previnam a violência doméstica são atribuições deste Microcomitê", enumera Denise.

Todos os educadores interessados em conhecer e se apropriar do trabalho, ampliando o debate em sala de aula e desenvolvendo instrumentos para abordar as questões de gênero com mais propriedade, podem procurar a Coordenadoria Regional de Educação (CRE). Cada uma das 10 CREs tem um representante no Comitê, assim como o gabinete da secretária, o Departamento Geral de Educação (E/DGED), o Instituto Helena Antipoff, a Equipe da Educação Infantil, o Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja), o Projeto de Extensão Meio Ambiente e Saúde da Diretoria de Educação Fundamental e a MULTIRIO.

Abarcar um amplo e diverso grupo de pessoas foi a maneira encontrada não apenas para enriquecer o debate, mas também para garantir que ele atinja a rede inteira. "A reunião de esforços em prol da justiça social, de uma perspectiva

humanitária, através do conhecimento e do respeito aos direitos humanos, precisa ser construída por muitas mãos", defende Márcia Vinchon, integrante do Microcomitê e coordenadora do Projeto de Extensão Meio Ambiente e Saúde. Com as ações do Microcomitê, Márcia vem conseguindo ampliar e aprofundar o trabalho relativo à equidade de gênero entre os adolescentes do Programa de Orientação Sexual e Prevenção ao Uso Indevido de Drogas. Para 2008, ela prevê a realização de novas ações de formação. "Esta primeira experiência foi muito interessante, pois iniciou um debate junto aos nossos educadores sobre a Lei Maria da Penha¹, aprofundando assim o trabalho de gênero já iniciado", avalia Márcia.

O primeiro desses encontros aconteceu em novembro passado e o próximo está previsto para março. "Pretendemos realizar um grande seminário para professores e, simultaneamente, estimular o fomento de encontros regionais abordando temáticas que transversalizam o assunto gênero, com a participação de toda a comunidade escolar", esclarece Denise. A multiplicação dos encontros e do debate já vem sendo realizada nas CREs, em trabalho desenvolvido pelos respectivos representantes no Microcomitê. A 9ª CRE, por exemplo, realizou no final de 2007 a Semana de Não à Violência Contra a Mulher, com a apresentação de trabalhos realizados pelos alunos. Sua representante no Microcomitê, Islei Salloker Belsoff Santos, vê como fundamental o trabalho do grupo no incentivo a uma educação capaz de fortalecer os direitos humanos. "A educação é um veículo de esclarecimento e oportunizador de atitudes cidadãs. O trabalho do Microcomitê é essencial porque o processo educativo abrange não somente nossos alunos e seus familiares, mas também a nós mesmos, como educadores", conclui. ■

¹ A Lei Maria da Penha (Nº 11.340/2006) foi sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva em agosto de 2006, alterando o Código Penal e aumentando o rigor das punições das agressões contra a mulher em âmbito doméstico ou familiar.

SERVIÇO

- Contatos com o microcomitê de gênero podem ser feitos pelo endereço eletrônico generosme@rio.rj.gov.br
- Leia mais sobre gênero na seção *Tudoteca* desta edição, na página 49.

Vivendo uma escola ciclada

*“Não sou esperançoso por pura teimosia,
mas por imperativo existencial e histórico.”*

Paulo Freire

Tendo por base a Lei de Diretrizes e Bases, que faculta às redes de ensino do território nacional a organização curricular do tempo escolar, o município do Rio de Janeiro ampliou a sua proposta, iniciada em 2000, para atender a todos os grupamentos sob os princípios epistemológicos que embasam os ciclos de formação.

Ao contrariar a lógica de organização da escola baseada na seriação, o ciclo de formação aponta caminhos antagônicos aos períodos estanques, bimestrais ou trimestrais. A organização da escola com base nos ciclos de formação considera o desenvolvimento humano, alicerçando a sua teoria nos aspectos biológicos e culturais.

Que bases teóricas alicerçam a organização do tempo escolar em ciclos? Como se desenvolve o ser humano, e em que dimensão acontece a aprendizagem? Em que eixos está baseado o ato de ensinar?

As últimas pesquisas nas áreas que estudam o desenvolvimento humano apontam diretrizes cujas referências de planejamento e avaliação consideram o período integral dos dias letivos como possibilidade real de aprendizagem para todos.

A teoria sociointeracionista aponta aspectos como a sociabilidade do homem, interação social, signo e instrumento cultural, história e mediação como focos para chegarmos ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Memória, atenção, percepção, pensamento/linguagem e imaginação constituem o que Vygotsky chamou de funções psicológicas superiores (FPS), e seu desenvolvimento provoca no sujeito a ampliação de complexas redes de significados que impulsionam o ato de aprender. Para Vygotsky (1988) a consciência e as funções superiores originam-se no espaço exterior, na relação com os objetos e pessoas, nas condições objetivas da vida social. É na aprendizagem, focalizada como um processo essencialmente social – que ocorre na interação com adultos e com companheiros

mais experientes e onde a linguagem tem papel fundamental –, que se percebe a apropriação de habilidades e conhecimentos disponíveis para a constituição das funções psicológicas humanas.

O professor, como mediador do processo de aprendizagem, precisa estar atento para a necessidade de intervenções sucessivas no processo de pensamento da criança. O papel de mediador cultural exercido por ele direciona a escrita como prática simbólica em uma nova dimensão no desenvolvimento que reestrutura e enriquece o campo simbólico humano.

Sob esse prisma, as intervenções precisam ser qualitativas, em uma rede de informações e experiências relacionadas entre si, que constituem significados para o indivíduo e que possibilitam a formação de outros significados. Segundo Lima (2002), “a aprendizagem da escrita, sistema simbólico complexo que é, está subordinada a um trabalho intencional, claro, organizado e contínuo do educador. E este trabalho deve levar em consideração a estrutura da língua”. O professor precisa estar atento à dinâmica dos processos que acontecem em sala de aula, considerando o educando, seu período de desenvolvimento e sua experiência cultural, o conhecimento e o momento histórico em que ocorre a aprendizagem.

Uma proposta de implantação do ciclo de formação como espaço organizador do tempo escolar privilegia o respeito às diferenças e focaliza o indivíduo como ser único em um processo diferenciado no ato de ensinar e aprender.

Vygotsky (1989) afirma que o processo de formação de conceitos está diretamente ligado às relações de pensamento e linguagem, e nos remete à questão de mediação cultural no processo de construção de significados por parte do indivíduo. Como o sujeito não constitui um conceito a partir de uma única experiência, o professor precisa de se utilizar de diferentes ações/atividades para que o ▶



Regina Barros

Professora da equipe da
Divisão de Educação da
3ª CRE

aluno estabeleça relações com o objeto de conhecimento, considerando que diferentes oportunidades precisam estar diretamente relacionadas às necessidades de cada um de seus alunos. Os diferentes canais de percepção – visual, auditivo, sinestésico, tátil etc. – trabalham juntos para a constituição de novas aprendizagens, mas cada indivíduo aprende de forma diferenciada. Entretanto, a emoção é fator fundamental na dimensão da elaboração de redes que estruturam os processos de conhecimento. Considerar os conhecimentos prévios, tendo como suporte a memória e a emoção, pode garantir um caminho mais fácil para a constituição e ampliação dos conceitos.

Para Vygotsky a cultura torna-se parte da natureza humana em um processo histórico que ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo molda o funcionamento psicológico do homem. Baseado nessas concepções o autor afirma que as funções psicológicas superiores são constituídas ao longo da história social do homem, na sua relação com o mundo, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente, o que permite que a ação humana seja distinta da de outros animais. É a cultura que fornece aos indivíduos os sistemas simbólicos de representação da realidade e, por meio deles, o universo de significações que permite construir uma ordenação, uma interpretação dos dados do mundo real. Assim, as práticas culturais são mediadoras do desenvolvimento humano.

Estudos e pesquisas mais recentes afirmam que o ser humano aprende na relação com o outro, e que a natureza da aprendizagem é sempre social, isto é, depende das práticas sociais e culturais e da relação e intervenção do outro (Lima: 2002). É, portanto, através da interação ou cooperação social que se estruturam as funções psicológicas superiores.

Os teóricos Wallon e Vygotsky incluíram a cultura como eixo de desenvolvimento humano. Com base nesses autores afirma-se que, ao se apropriar das técnicas, ações e práticas de cultura, o pensamento do indivíduo é transformado pela utilização de instrumentos culturais. Assim, as práticas culturais tornam-se possibilidades de aquisições que levam à apropriação de formas constituídas de comu-

nicação, de construção de significados e de representação.

Um trabalho que considera as práticas culturais como base para as atividades pedagógicas permite o fazer interdisciplinar, tendo como eixo condutor a linguagem, que, segundo os estudiosos do desenvolvimento humano, é responsável pela constituição do sujeito e pela organização do pensamento.

Para Charlot (2000) a relação do sujeito com o saber “é relação com o mundo, relação consigo mesmo, relação com os outros. (...) é uma relação simbólica, ativa e temporal. Essa análise concerne à relação com o saber que um sujeito singular inscreve num espaço social”

Ensinar requer do educador considerar o desenvolvimento e as aprendizagens já constituídas e estimular prospectivamente os processos mentais que estão em formação como base para novas aprendizagens. A flexibilidade do tempo e do espaço da escola ciclada direciona ações que objetivam a ampliação do conhecimento, considerando as habilidades, a história de cada um, o grupo e o espaço socialmente construído. Assim, os reagrupamentos, o apoio pedagógico e a monitoria tornam-se foco de atenção e planejamento dos docentes, na perspectiva de permitir que o tempo individual de cada sujeito e o respeito às diferentes formas de aprender sejam a razão central do processo ensino-aprendizagem na busca do sucesso coletivo.

Refletir sobre o “como ensinar” leva o professor da escola contemporânea a considerar a sua relação com o saber, o saber do outro, o contexto cultural e as diferentes possibilidades pedagógicas que reiterem a aprendizagem, não esquecendo que só se aprende o que tem significado para o sujeito aprendiz e que a emoção é fator fundamental para se estabelecer relação com o saber. ■

Referências bibliográficas

- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre, Artmed, 2000.
- LIMA, Elvira Souza. *Quando a criança não aprende a ler e a escrever*. São Paulo, Sobradinho 107, 2002.
- VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- _____. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

Infância: um conceito social e histórico

Há, praticamente, uma unanimidade em considerar os primeiros anos de vida como fundamentais no processo de desenvolvimento humano. Contudo, para que as crianças sejam vistas como cidadãs (e não como um projeto futuro), que exercem seus direitos e devem se apropriar, bem como participar, do processo de produção da cultura desenvolvida historicamente pela humanidade, é preciso que se tenha clareza sobre o conceito de criança ou de infância construído socialmente ao longo da história. São tais concepções que favorecem, ou não, a construção da autonomia e a inserção crítica e participativa no meio social, tão necessárias aos indivíduos atuantes de que a sociedade precisa.

O conceito de infância vem sendo alterado ao longo da evolução do ser humano e, aliado a isso, também vem sendo modificada a concepção do papel social desses primeiros anos de vida. Historicamente, segundo Kramer (1982), até o século XVI, a mortalidade infantil era muito alta e as poucas crianças que sobreviviam acompanhavam os adultos e exerciam atividades produtivas desde pequenas e isto era constante nas classes mais baixas. Miranda (1997) ressalta, porém, que a partir do século XVII as crianças vão deixando o convívio direto com os adultos e, pela influência dos reformadores moralistas, passam a ser preparadas para um convívio social futuro pelas instituições de ensino. Afastadas do meio social, elas perdem a possibilidade de opinar sobre decisões que lhes diziam respeito, passam a ser excluídas dos meios de produção, das atividades sociais (festas, jogos etc.), tornam-se, portanto, marginalizadas econômica, social e politicamente, ficando relegadas à condição de consumidoras de bens e de idéias definidas pelos adultos. Essas mudanças vão se impondo a partir das descobertas científicas que propiciaram a diminuição do índice de mortalidade infantil (especialmente nas classes mais privilegiadas). As crianças em maior número passaram a

ocupar mais espaço na vida dos adultos, solicitando mais cuidados e atenção especial. Em consequência disso, seu papel social também muda. Assim, a idéia de infância deixa de ser um fato natural no processo de desenvolvimento e se configura uma concepção socialmente construída de um ser dependente e incompleto, o que justificaria a sua desigualdade social, a sua marginalidade e o poder abusivo dos adultos. Além das descobertas científicas, na nova forma de organização da sociedade – a sociedade capitalista urbano-industrial que estava sendo instituída –, a burguesia redobra o cuidado com a sua prole e vai modificando pelo exemplo o conceito de infância. A atenção especial dedicada à sobrevivência das crianças pelas categorias sociais mais altas as transforma em seres frágeis que precisam da educação e do controle do adulto.

O exercício do poder generalizou-se e também as crianças passaram a ser educadas muito mais para a submissão do que para a formação de pessoas questionadoras, criativas e empreendedoras. Assim sendo, nessa nova sociedade, a criança idealizada fica de fora da força produtiva e passa a ser assumida numa outra concepção. É colocada em instituições educacionais para aprender a lidar com os meios de produção. Nelas, com a burocracia e a impessoalidade, a criança perde a sua individualidade e aprende que são os outros que dispõem e organizam o seu tempo, definem o que ela deve fazer e como deve proceder. As instituições educacionais alienam ainda mais ►

TEXTO

LIANA GONÇALVES

PONTES SODRÉ*

*Graduada nos cursos de licenciatura em psicologia e de formação de psicólogo pela Universidade Federal da Bahia (Ufba); pós-doutora pela Universidade Federal Fluminense (UFF); professora aposentada pela Ufba (1974-96); professora-titular do Departamento de Educação do Campus X da Ufba (desde 1999) e do programa de pós-graduação "Educação e Contemporaneidade" da Ufba (desde 2002). Tema de pesquisa atual: A contribuição das crianças no contexto da educação infantil.

as crianças oriundas das classes mais baixas, desconsiderando seu discurso e as diferenças inerentes às diversidades das origens socioeconômicas. Kramer (1982) defende o ponto de vista de que a partir de então passou a existir um novo sentimento em relação à criança. Esse novo sentimento é baseado numa outra concepção sobre natureza infantil. Ele traz implícito que é próprio às crianças, em geral, serem dependentes da educação e moralização dos adultos. Assim sendo, elas passam a ser consideradas imperfeitas e incompletas, configurando um modelo bem distante da concepção de adulto em miniatura até então vigente. Este modelo de infância das classes dominantes se generaliza e passa a ser visto como um processo natural: a infância como parte da natureza humana e não como conceito socialmente construído.

Mais do que isso, dois novos fatores tornam-se fundamentais na concepção de infância: o fator tempo, que vem delimitar este período, e a nova natureza infantil, que passa a ser vista com um sentido marcadamente biológico. Esses elementos dão as bases para o exercício da autoridade do adulto e, deste modo, a dependência social torna-se, por analogia, uma dependência natural. Os pais adquirem o poder de vida e mesmo de morte sobre seus filhos (Ariés, 1981).

A infância das crianças das classes mais privilegiadas prolonga-se cada vez mais na busca por uma formação acadêmica que as prepare para os avanços científicos e tecnológicos necessários aos novos meios de produção. As demais crianças, acreditando na possibilidade de ascensão social, procuram copiar este modelo, buscando na educação formal o aval para este processo. Deste modo, a infância passa a ficar subordinada muito mais à formação acadêmica do que às reais necessidades do processo de construção da autonomia pertinentes a toda sua vida. Algumas crianças prolongam demasiadamente o ingresso no mercado profissional (as mais privilegiadas), enquanto a grande maioria vai, por força das condições socioeconômicas a que estão submetidas, abrindo mão desse propósito. Elas abandonam a escola e vão ocupando o mercado profissional nos espaços que lhes são acessíveis. É evidente que nos primeiros anos de vida as mudanças biológi-

cas são marcantes e se configuram como um aspecto do desenvolvimento que deve ser considerado. Entretanto, as mudanças biológicas não devem sobrepor-se à condição de ser social do ser humano no curso de sua vida. Para Miranda (1997, p.131), "enquanto sujeito da história, a criança tem a possibilidade de recriar seu processo de socialização e através dele interferir na realidade social". Ou seja, a criança pode ser sujeito da ação, apesar da constante repressão que a sociedade faz em oposição a isso, o que fica mais explícito nas diferentes formas de participação das crianças de origens socioeconômicas diferentes.

No que diz respeito à duração da infância, o seu prolongamento deve-se basicamente às necessidades da inserção profissional das crianças das classes mais altas. A formação profissional dos setores econômicos dirigentes passa a exigir mais tempo, dada a tecnologia e todo o progresso dos meios de produção. Kramer (1982) enfatiza que numa sociedade de classes a infância é determinada pela origem social do indivíduo, que delimita entre outras coisas o momento e a condição de sua inserção no mercado de trabalho. Como exemplo, verifica-se que nas classes trabalhadoras a inserção das crianças acontece mais cedo, pois as necessidades as obrigam a entrar precocemente na vida profissional. Independentemente desta análise, todo novo enfoque em direção ao desenvolvimento deixa de favorecer por um longo período a possibilidade de análise da condição infantil e o significado social do que seja a infância. As concepções que as fortalecem colocam dentro das crianças as explicações sobre o que está ocorrendo com elas e não dão destaque à dimensão da influência do ambiente físico e social no processo de desenvolvimento. A concepção do que seria infância, com suas características e sua duração, é um modelo hegemônico imposto pelas classes dominantes.

Distantes das análises sobre as condições de vida oferecidas às crianças de categorias socioeconômicas e de meios sociais diferentes, as categorias mais altas impuseram expectativas que se generalizaram e favoreceram a concepção de infância como um fenômeno natural, em que seres incompletos e imperfeitos devem ser subjugados à autoridade dos adultos.

Um exemplo freqüente desta afirmativa pode ser confirmado cotidianamente na forma de repressão que os adultos utilizam para coibir alguns atos infantis. Em vez de recriminar o ato em si e com isso as ajudar a analisar o feito, recriminam a própria criança qualificando-a com adjetivos (desastrada, mal-educada...) e, assim, contribuem para a formação da imagem que cada uma fará de si mesma. Fortalecem também, pela introjeção de uma imagem que se vai construindo no dia-a-dia, esta concepção de infância.

A vulnerabilidade da criança pela ingerência muitas vezes abusiva dos adultos, fundamentada na concepção histórica de infância aqui descrita, deu margem a uma outra ingerência sobre elas, que é a do Estado (Sandin, 1999). Os poderes públicos, através de suas instituições, se estruturam no propósito de retirar as crianças de ambientes inadequados, procurando oferecer-lhes melhores condições de vida. Esse autor em seus estudos se detém na análise das mudanças em relação à infância durante o século XX. Ressalta inclusive este século como o século da criança, em que as discussões sobre as relações familiares, as deficiências das instituições de ensino, o comportamento do jovem no espaço público, entre outros, permitiram que eles (crianças e jovens) fossem vistos enquanto questão social e política. E com isso este século passado se caracterizou pela crescente profissionalização nos cuidados com a infância. Novos grupos profissionais têm procurado alterar as relações sociais de poder entre pais, crianças e instituições, assim como favorecer uma nova concepção de imagem da infância. Além disso, as crianças têm sido informadas sobre seus direitos.

As crianças que eram tuteladas e que não participavam dos programas e contextos em que estavam envolvidas começaram também a ser ouvidas. Jobim e Souza (1994) relata que, quando a criança aprende a se expressar e a ser ouvida, ela revela seu potencial criativo e os limites do conhecimento dos adultos. Podemos entrever que este pode ser um passo importante para a construção de uma sociedade voltada para a inclusão e não mais para a exclusão. A dependência ou até mesmo a subserviência aos pais ou responsáveis pode destruir ou reprimir a criatividade, a espontaneidade e principalmente

o envolvimento e a participação das crianças. O Estado reforça ainda mais essa ingerência quando defende a ideologia de que a criança pertence aos pais, haja vista que isso a mantém tutelada e na maioria dos casos inoperante no seu contexto de desenvolvimento.

Para Mello (1999), não há liberdade sem direito ao respeito e à dignidade, sendo preciso então que as crianças tenham direito a uma boa experiência na comunidade humana. Para tal, os adultos têm de criar condições para os projetos e as proposições das crianças e também construir ambientes que as valorizem para que elas criem auto-imagens mais positivas. Para exemplificar as discrepâncias entre o Estatuto da Criança e do Adolescente e as políticas públicas, a autora lembra que no Brasil as crianças e os jovens são proibidos de trabalhar, porém as estatísticas demonstram dados alarmantes sobre o trabalho infantil. É um trabalho que não tem compromisso com o futuro, não exige formação profissional nem esforço intelectual.

Portanto, a legislação que é feita para proteger as crianças e os jovens ainda não tem condições de ser cumprida. Há uma distância entre o direito formal e a realidade injusta de uma grande parcela de excluídos em nossa população. Oliveira (1999), fazendo uma crítica à família e à educação escolar no contexto neoliberal, levanta a hipótese de que neste a cidadania crítica é substituída por uma conformidade que é conveniente a este sistema. Descreve a realidade adversa de países como o Brasil, onde são negadas as diferenças de cor, origem socioeconômica, entre outras, e também o direito à dignidade e a uma boa qualidade de vida. Os pais e os profissionais que participam da educação de crianças esbarram em dificuldades básicas que dependem do interesse político dos governantes, para saná-las. Contudo, é no contexto familiar, nas instituições educacionais e na sociedade como um todo que se podem construir propostas por uma cidadania emancipada e crítica ou por uma submissão ao contexto político que se configura. Como afirmam Assumpção Junior *et al.* (2000), ainda é necessário investir na avaliação da qualidade de vida na infância. Para tanto, deve-se aprender a traduzir o interesse das crianças e dos jovens e não se basear apenas na ótica dos adultos que os estão estudando. ■

Pelo direito de participar

A palavra cidadania parece estar em todos os lugares. No discurso de candidatos a cargos eletivos ou no de políticos eleitos, nas propagandas, na TV, em revistas e jornais. Mas há pouca reflexão sobre o seu verdadeiro sentido. A palavra vem do latim *civita*, que quer dizer cidade. Conceito criado na Grécia antiga, o termo se referia ao direito que as pessoas têm de participar das decisões tomadas sobre o destino das cidades em reuniões públicas. Cidadania diz respeito à capacidade de se fazer uma intervenção legítima sobre o exercício do poder. Cidadão é quem pode participar da vida política de uma sociedade, o que inclui escolher quem irá exercer o poder, ser eleito para cargos públicos e influir nos assuntos que afetam a coletividade. O cidadão participa do exercício do poder e fundamenta a soberania de um Estado.

Hoje a discussão sobre cidadania ganha novos contornos. Está em questão a noção de cidadania planetária, que se fortalece principalmente nos debates sobre o meio ambiente. “Cria-se uma referência de que somos todos habitantes e cidadãos do mesmo planeta. Só que extremamente desiguais, o que traz a questão de como compartilhar esse território. A questão do clima, por exemplo, traz uma radicalidade a esta noção de cidadania, que antes não se havia pensado. Desmatar a Floresta Amazônica aqui pode ter efeitos no Japão. As emissões de gases-estufa derretem geleiras na Groenlândia, o que aumenta o nível do mar no mundo inteiro. Isso afeta a cidadania de outros”, afirma Cândido Grzybowski, sociólogo e diretor-geral do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase).

Ele lembra que isto põe em questão até a definição de soberania. E diz que essa noção do bem comum, da preservação da base da vida, que vem sendo vista como referência, é uma novidade e pode até renovar a noção de cidadania em nossa sociedade. “Para controlar as emissões de gases-estufa, é preciso mudar o estilo de vida dos países desenvolvidos, em nome da cidadania universal. As questões atuais em torno da cidadania revelam uma crise de civilização. A questão ambiental implode toda essa arquitetura política que se montou no mundo e que criou desigualdades, e nos faz cidadãos do planeta ou permite que possamos reivindicar sê-los. Ao reivindicar, questionamos privilégios. Não é possível que 20% da humanidade consumam 85% dos recursos do planeta”, comenta.

Quando se fala em cidadania, também não se pode deixar de mencionar a escola. Espaço público por excelência, é nela que a criança é preparada para ser cidadã. Trata-se de uma instituição que deve garantir os elementos básicos que ajudarão a definir de que forma os indivíduos irão se inserir na vida social. Para Grzybowski, a escola tem que valorizar as habilidades e diferenças, mas desde que isso não afete a igualdade, o *status* comum de cidadania de todos. “Por exemplo, o que é ser índio e cidadão num país como o Brasil? É ele afirmar a sua identidade indígena. A cidadania está em não relegar esses grupos à miséria, como se fossem formados por cidadãos de segunda categoria. Dessa forma, prevaleceria a desigualdade, a incapacidade desses grupos – que não representam nem

1% da população – de poder influir. Exercer a cidadania é reconhecer a igualdade, apesar das diferenças”, afirma.

Na opinião de Máximo Masson, professor de sociologia da educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a escola precisa cumprir a sua tarefa básica, que é escolarizar, promover o acesso à informação e sobretudo contextualizá-la – o que muitas vezes não acontece. “Os estudantes precisam sair da escola com uma capacidade mínima de contextualizar a informação, pois ela é uma ferramenta para a compreensão da realidade em que eles estão inseridos e para a ampliação de sua capacidade de comunicação. Se a escola fizer isso, ela estará atuando fortemente para ampliar a cidadania, porque permitirá que os indivíduos questionem qualquer tipo de dogmatismo”, afirma.

Ele acrescenta ser importante que os alunos entendam que há um sentido no que estão fazendo e que suas famílias de alguma forma acabem percebendo e se interessando por isso. “A escola precisa deixar que seus alunos busquem caminhos para melhorar suas vidas. Se ela fizer isso, estará dando um grande passo à frente. Ela tornará esse indivíduo mais presente em seu contexto social e conseqüentemente na cena política. Mas para isso a escola precisa ter condições materiais e os profissionais que lá trabalham, dignidade”, complementa.

Colaboração ativa – Para Isabel Ribeiro de Oliveira, professora do Departamento de Ciência Política da UFRJ, a responsabilidade da escola é imensa, não apenas para trabalhar adequadamente o legado cultural da nossa sociedade como também para ajudar a constituir cidadãos mais responsáveis e criativos. “Isso não é tarefa fácil. De fato, são raras as sociedades que consideram estar com a sua vida coletiva bem-posta e que estão satisfeitas com seus sistemas educacionais. A colaboração ativa dos responsáveis pelas crianças e jovens é fundamental para que se atenda aos requisitos de uma educação de qualidade. Isso precisa ser bem compreendido, sobretudo pelos diretores das unidades de ensino, para que as críticas e proposições desses responsáveis não sejam desconsideradas”, comenta.

A cientista política também acha importante que o tema seja tratado na rede escolar, pois ►

TEXTO

FABIO ARANHA

DIREÇÃO DE ARTE

ADRIANA SIMEONE

CLÁUDIO GIL

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

a escola é uma instituição voltada para a socialização política, processo pelo qual tomamos conhecimento do que nossos antepassados nos legaram, aprendemos a valorizar, ou não, o nosso passado e a incorporá-lo de forma passiva, ou crítica, ao nosso presente.

A importância da cidadania é equivalente à complexidade do tema. É um conceito multifacetado que segundo Grzybowski comporta valores básicos. O primeiro é a liberdade, sem a qual ela não existe. O segundo é a igualdade, sem o que não existe liberdade. O terceiro valor, que surgiu mais recentemente, é a idéia de diversidade, que não pode ser deixada de lado em nome da igualdade. Um quarto princípio para garantir os outros três é reconhecer que existem situações em que é necessário ter solidariedade. “Como dizia o Betinho [o sociólogo Herbert de Souza, 1935-97], nada disso faz sentido sem a participação, que pode ser considerada um quinto elemento. Para eu ter direito, tenho que garantir que o outro também o tenha. Para garantir que isso aconteça, tenho que participar. Como cidadania se forma em torno de direitos, que é no que esses valores se transformam, se estes não forem garantidos para todos, se tornam privilégios”, analisa.

Isabel ressalta que juridicamente o conceito é mais abrangente: direitos de cidadania são conferidos a crianças e adolescentes que ainda não têm como arcar com as responsabilidades próprias a essa posição. “Esses direitos são assegurados por lei, porque se supõe que todas as pessoas precisam de uma certa formação – que passa a ser responsabilidade do Estado – para se tornarem cidadãos competentes, uma vez que não se pode delegar tarefa tão relevante

apenas aos cidadãos responsáveis por crianças e adolescentes”, explica.

Hoje a idéia de exercício da cidadania está ligada também às condições de sua efetivação. “O direito político está ligado a direitos civis e sociais. Esse tripé permitirá ao indivíduo ter autonomia para exercer a sua cidadania. Para ser autônomo, é necessário que ele tenha as condições de sua sobrevivência asseguradas. Sem isso, seria ilusão imaginar o cidadão exercendo o seu poder político”, analisa o professor Masson, da UFRJ.

Virtude da coletividade – Na visão do diretor-geral do Ibase, a cidadania tem de ser pensada não como virtude individual, mas de toda uma sociedade. “A cidadania é algo em construção permanente como relação e até como conceito político. É um conceito construído historicamente e que pode ser reconstruído e aperfeiçoado. Ela sempre pode ser melhor, mas só existirá se for como referência para todos”, disserta.

Desde os primórdios, cidadania esteve ligada à idéia de coletividade. Os gregos viviam em uma sociedade muito desigual e, por isso, desse conceito eram excluídos os escravos, as mulheres e os estrangeiros. Na verdade, apenas 10% dos habitantes decidiam os rumos de toda uma cidade, o que correspondia aos homens gregos. Mas era um conceito que se estendia a todos, independentemente de quem fossem. Tratava-se de uma qualidade política comum, que um reconhecia no outro e que supunha uma relação de igualdade. O conceito foi mais elaborado na Roma antiga, cuja sociedade também era escravocrata e retratava a situação política de um indivíduo e os direitos dos quais poderia usufruir.



Com a Revolução Francesa, em 1789, o conceito de cidadania passou a incluir todos os indivíduos nascidos em um determinado território, mas continuou a excluir os estrangeiros. Esta é a noção que se perpetua até hoje, pois os que nascem em território estrangeiro não têm os mesmos direitos políticos dos que nascem em solo nativo. “No entanto, estas noções estão em xeque hoje, pois esta definição dá conta de uma cidadania formal nas sociedades, mas não de uma cidadania completa. Há uma nova noção que questiona essa idéia de território e introduz outra, que é a de ser membro efetivo de uma sociedade. Por isso vemos movimentos que reivindicam igualdade, como os de moradores de favelas, mulheres, sem-terra, sem-teto... Há a construção de uma cidadania de inclusão”, afirma Grzybowski.

No Brasil, o conceito de cidadania também se modificou ao longo do tempo. Ele surgiu vinculado à difusão do pensamento liberal no século XVIII e sobretudo quando se constituiu um Estado independente em 1822. No entanto, o Brasil era uma sociedade formada com base na escravidão e os escravos não tinham acesso à cidadania. Mesmo entre homens livres não havia igualdade de direitos. A Constituição de 1822 mantinha uma diferenciação baseada na renda e na propriedade. A participação no limitado processo de escolha de representantes da época era condicionada à propriedade de bens materiais, principalmente a terra, e portanto restrita a uma minoria. Os que não se enquadravam nessa categoria não podiam eleger ou ser eleitos para as assembléias provinciais ou a nacional. As mulheres usufruíam direitos civis, mas não, direitos políticos.

Com o advento da República, a escravidão foi superada, mas não os efeitos de séculos de regime escravocrata. Mesmo assim o exercício do poder político foi ampliado. Uma das medidas tomadas, por exemplo, foi a de naturalizar todos os estrangeiros que não se manifestassem contrários à naturalização. Também se eliminaram as restrições de propriedade. Mas uma grande restrição não foi eliminada: a da alfabetização. O significado disso não era pouca coisa, pois naquele momento era muito alto o percentual de homens não-alfabetizados e pobres, que formavam a base da população economicamente ativa.

“Essas concepções sobre cidadania tiveram origem no período do Iluminismo, sobretudo pela leitura positivista posta em prática no Brasil. Considerava-se que apenas os que tinham consciência política – obtida através da formação intelectual e cultural que hoje poderíamos definir como formação escolar – poderiam participar plenamente do processo político. Com isso se eliminou a base camponesa, que foi alvo, principalmente no início da República, de repressão e dada a movimentos que tomaram um caráter messiânico, articulando política e religião, mas que tinham uma base social claramente camponesa, cujo maior exemplo, mas não o único, foi Canudos”, comenta Masson.

País em transformação – Ao longo da República, principalmente até a Revolução de 1930, o Brasil se transformou em uma sociedade capitalista, com um processo de urbanização e industrialização em curso, especialmente no Sudeste. Esse contexto foi cenário de uma série de demandas sociais, com destaque para ►



a luta pelos direitos trabalhistas, que se articularam a direitos políticos, civis e sociais. Isso se deu principalmente pelo crescimento do movimento operário, que reivindicava o reconhecimento de que o exercício da cidadania não era apenas o do voto, mas estava ligado às condições de vida do indivíduo, à superação das desigualdades, da tradição oligárquica e à necessidade de assegurar a liberdade de expressão, manifestação e organização.

“O cidadão passou a ser visto como um indivíduo marcado por sua classe social e que tem demandas específicas que precisam ser atendidas pelo Estado. A partir da década de

1930, a questão social deixou de ser caso de polícia. Pelo contrário, foi aberta uma discussão sobre a ampliação e a configuração legal de direitos sociais, como o reconhecimento de que isso não podia ficar restrito ao universo masculino, tendo que ser ampliado às mulheres”, acrescenta Masson.

O regime militar em vigor a partir de 1964 foi uma resposta conservadora a reivindicações sociais, mais especificamente às chamadas reformas de base, principalmente a agrária. Em termos políticos, questões como a organização sindical e partidária, ambas remanescentes da época do Estado Novo e mantidas sob intervenção direta do Estado para que pudessem ser um elemento de desequilíbrio do jogo político nacional, foram mantidas pela ditadura. Mas ao longo do tempo, como resultado do próprio desenvolvimento capitalista que o regime militar possibilitou, surgiram demandas sociais que precisavam ser respondidas, como a universalização da seguridade social que se configurou no último terço do período da ditadura.

“Ocorreu uma afirmação legal desses direitos, que eram expressão do próprio desenvolvimento da sociedade brasileira, com todas as suas limitações de uma sociedade capitalista mais industrializada e urbanizada que tinha que responder às pressões sociais que surgiam. A ditadura, por mais que tenha sido um movimento de repressão política, não significou necessariamente a eliminação dos movimentos sociais. Essas respostas apareceram, ainda que a conta-gotas”, diz Masson.

O próprio fim do regime militar se deu através de um processo de transição que durou 10 anos, do início do governo Geisel até o fim do governo Figueiredo. Masson afirma que o regime totalitário não foi superado no âmbito de um processo de insurreição popular. Pelo contrário, o processo foi marcado por uma série de negociações.

“Essa transição possibilitou a Constituição de 1988, a carta que mais ampliou direitos no Brasil, e que representou um grande salto. Ela afirmou muito mais os direitos sociais do indivíduo. Foi a que mais claramente estabeleceu que o Estado deve atuar em áreas como seguridade, educação, saúde, tendo o dever de garantir o direito do cidadão brasileiro. Isso foi de enorme importância. Ela

¹ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, p. 200.



também permitiu que superássemos, depois de quase 100 anos de República, o velho estigma de que os analfabetos não podiam ter cidadania plena. Durante muito tempo perdurou a noção de que o analfabetismo se dava quase por inércia pessoal e não pelo resultado das características da sociedade brasileira”, ressalta Masson.

Esta mudança se torna ainda mais significativa quando levamos em conta que embora o número de analfabetos tivesse se reduzido ao longo do tempo, de acordo com o historiador José Murilo de Carvalho¹, em 1990 ainda havia no Brasil cerca de 30 milhões de analfabetos com mais de cinco anos de idade. Em 1998, 8% dos eleitores ainda eram analfabetos. Para ele, “a medida significou (...) ampliação importante da franquia eleitoral e pôs fim a uma discriminação injustificável”.

Estado da civilização – Mesmo com as desigualdades históricas da sociedade brasileira, a cidadania formal evoluiu muito rapidamente. Nos anos 1950, a porcentagem da população com direito a votar chegava a 15%. Hoje, o Brasil é um dos países mais inclusivos em termos de número de votantes. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), quase 126 milhões de eleitores votaram em 2006. “Aqui o não-cidadão é muito camuflado. Aqui quem é negro e muito pobre, na verdade, é um não-cidadão. Mas tem algum acesso à cidadania, que é maior do que o de um imigrante na França, por exemplo, que não tem. A cidadania política, social e cultural evolui com o estado da civilização. Sempre é possível ser mais cidadão em uma sociedade. Agora, trata-se de virtude coletiva. É a sociedade que ganha se há mais cidadania. Você cria igualdade e, por isso, é uma noção radicalmente associada à democracia”, diz o diretor-geral do Ibase

Ele acrescenta que a democracia é o único regime ou forma de poder político que atribui sua constituição à cidadania. Os cidadãos são os constituintes do poder, da economia, do modo de funcionamento da sociedade. Em sua opinião, a democracia pode ser definida como a transformação do conflito em algo construtivo; o ato de, a partir de visões diferentes, encontrar o compromisso possível. “Na democracia, você reconhece o outro como igual a você. Essa disputa de espaços que reconhece que ninguém pode eliminar ninguém, aceitando o princípio da

minoría, é o princípio da cidadania. O regime democrático tem como referência a cidadania. Não existe democracia sem ela”, enfatiza. Ele afirma ainda que o problema num país com uma desigualdade histórica como o Brasil é que os representantes se consideram donos da coisa pública e não representantes constituídos.

Cidadania também tem a ver com espaço público. É nele que o indivíduo se torna cidadão. Quando mulheres querem ter seu trabalho reconhecido e demandam igualdade de tratamento e salário, elas reivindicam uma igualdade cidadã. Fazendo isso, também trazem o público para dentro de casa. Historicamente, a vida privada foi tratada como algo que não deveria ser discutido publicamente. Para Grzybowski, o que a luta social está fazendo é dar publicidade a histórias da vida privada. Temas como relações entre marido e mulher, entre pais e filhos, são privados, mas têm regras cidadãs que precisam ser construídas para regê-los. Em sua opinião, há uma dificuldade de enfrentar isso.

“Nós negamos e camuflamos o racismo e a desigualdade. Achamos que pobreza é de responsabilidade do indivíduo e não uma criação da sociedade. Isso ainda é muito forte. Esses são fatores limitadores. É preciso enfrentar certos problemas e isso é tarefa coletiva da cidadania. Se os problemas não forem enfrentados, estaremos negando cidadania”, destaca Grzybowski.

Para Masson, o Brasil hoje enfrenta dilemas como a descrença e o afastamento da população em relação ao poder. Primeiramente, porque a complexidade da luta política é tanta que ela se torna incompreensível e tende a ser substituída por formas simplistas e quase sempre de forte conteúdo moralista. “Isso é em grande parte alimentado pelos segmentos mais conservadores, principalmente parte da imprensa, que situam o jogo político como questão eminentemente moral entre homens honestos e desonestos. O que acaba por reafirmar concepções mais simplistas e maniqueístas que fazem, por exemplo, com que a esfera política seja vista cada vez mais como esfera midiática. Ou seja, o que conta é a forma como você apresenta a imagem do político e não exatamente o seu conteúdo. Essa situação contribui para manter problemas antigos que ainda não conseguimos solucionar, como o clientelismo e as dificuldades de organização ►

política, e levam a um certo conservadorismo que reafirma o individualismo”, analisa.

Demandas sociais – Ele acrescenta que o nível de desenvolvimento econômico e capitalista da sociedade brasileira faz com que certas demandas da sociedade sejam parcialmente atendidas, o que atenua a pressão por mudanças. “Nós só venceremos as desigualdades sociais se existir pressão da sociedade para a sua superação. Isso não tem ocorrido com a força que poderíamos esperar ou que precisaríamos para ter respostas mais rápidas. Por exemplo, o crescimento da economia informal em um nível muito intenso nas áreas urbanas do Brasil respondeu a um problema de desemprego e assegurou que você tenha uma seguridade social universalizada, embora alguém do esperado. Essa resposta não equaciona o futuro, mas atenua o presente”, diz.

Grzybowski afirma que estamos hoje sujeitos a perder uma idéia de cidadania que veio do enfrentamento do regime militar devido a problemas como o forte aumento da violência e certas dificuldades que não fomos capazes de enfrentar, como a grande desigualdade e a falta de políticas sociais inclusivas. Em sua opinião, o papel constituinte da cidadania foi maior que o resultado prático e, para mudar isso, é importante trazer as decisões para mais perto do povo.

“A maioria dos brasileiros conhece o local onde vive, sabe quais são os problemas que existem ali e o que precisa ser feito. Seria muito importante termos uma estrutura de poder que valorizasse e permitisse o exercício pleno dessa cidadania e fosse complementar a ela. Para isso seria necessário promover mudanças que a sociedade brasileira ainda não conseguiu viabilizar. Entre elas, está a de acabar com o autoritarismo, o privilégio, o patrimonialismo e o uso de recursos públicos para interesses privados”, ressalta.

Ele afirma ainda que a responsabilidade da sociedade na promoção da cidadania é grande. É preciso haver vigilância permanente e participação para pressionar o Estado e fazer com que cidadania e democracia avancem. “Nós temos uma situação no Brasil de cidadania formal extensiva, mas temos amplos setores invisíveis. O tráfico ou uma milícia, ao controlar uma comu-

nidade, a privatiza e aqueles cidadãos se tornam invisíveis, sem voz, capacidade de participar ou autonomia”, comenta Grzybowski.

Para a professora Isabel de Oliveira, nem sempre a maneira pela qual o debate sobre cidadania se desenvolve contribui para o fortalecimento de uma boa prática cidadã, pois as pessoas se preocupam com seus direitos, mas não conhecem claramente as suas obrigações. Ela afirma que o Estado, que tem a obrigação de defender esses direitos, não é um ente que paira de forma onipotente sobre a sociedade. Os recursos de que dispõe para empreender políticas públicas são extraídos dela. Essas políticas não dependem apenas de dinheiro, mas também da imaginação capaz de diagnosticar e propor soluções para a vida de todos. Aqui se colocam as obrigações do cidadão.

“Esse entendimento de que nosso bairro, cidade, estado, nação e planeta estão como estão porque nós os fazemos assim parece-me ser o que mais está faltando na discussão em curso. O cidadão brasileiro parece que ainda não entendeu que sua responsabilidade não se esgota no gesto eleitoral e na crítica corriqueira ao poder estabelecido”, comenta.

Cidadania hoje – Para a cientista política, um tema essencial para discutir cidadania hoje é o que ela chama de “inflação” dos direitos, isto é, uma demanda crescente por proteção do Estado, que em sua opinião acaba gerando uma máquina burocrática incontrolável e pouco eficaz. “É um processo em que a proliferação de direitos a serem conferidos a grupos sociais cada vez mais específicos tende a diluir o significado central do termo, que é o de pertencimento a uma mesma sociedade política, na qual somos todos iguais. A multiplicação de identidades particularistas pulveriza a grande sociedade em pequenos grupos e torna ainda mais difícil o reconhecimento de que temos de um bem público, comum a todos, cuja preservação é responsabilidade de todos nós, independentemente de nossas especificidades”, afirma.

Além disso, ela ressalta que há uma identificação da cidadania com a linguagem dos direitos humanos, que é formulada de um modo que esconde o seu caráter artificial, na medida em que se apresenta como valor inquestionável e universal, natural do ser humano. “Um exame

mais cuidadoso não apenas do discurso sobre direitos humanos, mas também das diversas declarações que nele se baseiam, revela contradições. Por exemplo, como assegurar a liberdade própria à defesa da propriedade privada e ao mesmo tempo a redução das desigualdades?”, indaga.

Outro problema é que freqüentemente se confundem direitos do cidadão com os do consumidor, como se os primeiros se reduzissem aos segundos ou fossem sinônimo deles. Para a professora Isabel, a responsabilidade pela confusão está menos na consciência dos cidadãos do que na bem-sucedida difusão de

uma ideologia que cristaliza o mercado como a instância mais relevante para a interação social, conferindo à economia um lugar de proeminência no domínio público. “Essa confusão é perversa, porque a produção e a alocação dos recursos econômicos obedece a uma luta propriamente política e é precisamente o reconhecimento das forças em luta e um posicionamento frente a elas que expressa o exercício do direito do cidadão e não uma submissão passiva”, frisa. ■



Preocupação com o futuro

ONU instituiu o Ano Internacional da Terra para promover estudos sobre a vida e o desenvolvimento do planeta

Aquecimento global, *tsunami*, transposição do Rio São Francisco, combustíveis fósseis, escassez de água. Muito se fala desses e de outros assuntos ligados ao ecossistema, ao planeta, ao nosso futuro – mas pouco se conhece das causas e conseqüências de cada um deles. Por isso, vamos começar do começo: para entender o que ocorre hoje na Terra é preciso conhecer melhor a sua história e evolução, e não foi outro o motivo que levou a Organização das Nações Unidas (ONU) a instituir 2008 como o Ano Internacional do Planeta Terra.

A partir deste mês, intensificam-se as ações coordenadas mundialmente pela União Internacional das Ciências Geológicas (IUGS) e pela Divisão de Ciências da Terra da Unesco, com o apoio dos países-membros. Dois geólogos dividem a coordenação da comissão brasileira. Diógenes de Almeida Campos, que preside a comissão, é diretor do Museu de Ciências da Terra e membro da Academia Brasileira de Ciências – órgão responsável pelo programa no Brasil; Carlos Oití Berbert, é conselheiro sênior para o programa junto à União Internacional de Ciências Geológicas.

Com o subtítulo “Ciências da Terra para a sociedade”, o programa, segundo o professor Diógenes, tem por objetivo “lançar um olhar sobre o planeta”, o que não é pouca coisa, pois perpassa diferentes disciplinas como geologia, geofísica, meteorologia, ciência do solo etc. Haverá duas linhas principais de ação: um programa científico e um de divulgação, com os seguintes objetivos: disseminar na sociedade a importância das geociências para a vida humana e sua prosperidade, estimulando a atenção para

as contribuições das geociências nos sistemas educacionais; e fortalecer em governantes, políticos e dirigentes o entendimento da importância social das geociências.

Um dos pontos mais focados será a importância de estudar a ciência da Terra “porque não é ensinada nas escolas brasileiras como deveria, pois seguimos ainda o modelo positivista¹ do início da República. Disciplinas como ciências e geografia contemplam de forma muito superficial tudo o que se deve estudar sobre o planeta, como a origem da vida, recursos hídricos e distribuição dos minerais, por exemplo”, comenta o geólogo. Isto acaba se refletindo em todos os aspectos da sociedade, inclusive na mídia, que quase nunca consegue explicar de forma clara fenômenos que preocupam a população.

Dependência – O programa foi dividido em 10 itens a serem trabalhados separadamente, mas que juntos abrangem toda a preocupação tanto no âmbito científico quanto no popular: Água subterrânea – prevenção para um mundo cada vez mais sedento; Desastres naturais – mitigação e

¹Desenvolvido por Auguste Comte (1789-1857), o positivismo é uma corrente de pensamento que propõe ao homem valores apenas humanos, dispensando a teologia e a metafísica. Essa linha sociológica teve grande repercussão no século XIX, mas perdeu influência no século seguinte, com o surgimento de outras correntes, como o estruturalismo e o marxismo. Comte preocupou-se com a constituição de um sistema de valores que se adaptasse ao mundo industrial que surgia, em que se valorizasse o ser humano, a paz e a concórdia.

TEXTO
BETE NOGUEIRA
FOTO
DIVULGAÇÃO

prevenção efetivas; Terra e saúde – geomedicina; Clima – efeitos naturais e influência humana; Recursos naturais e energia; Megacidades; Núcleo e crosta terrestres; Oceanos; Solos; Terra e vida – as origens da vida e do homem para a compreensão do futuro.

Seria exagerada essa preocupação com o planeta? Ele não é suficientemente grande e com possibilidades de se recuperar ante as ações do homem? Campos explica que não, que nossa dependência e nossa responsabilidade são bem maiores: “Só temos a Terra. Temos que conhecê-la para explorá-la de forma sustentável. Quase tudo das cidades vem da Terra: cimento, areia, pedra, argila, petróleo para o plástico. Toda a vida humana tem uma dependência muito grande dos recursos que ela oferece”, explica.

Saúde! – A geomedicina entra na pauta porque quando se conhecem os elementos fica mais fácil prevenir tragédias. Afinal, o solo tem substâncias que são úteis e outras, nocivas. Acidentes gravíssimos como a contaminação pelo césio 137, por exemplo, podem ser evitados². “O papel das escolas é fundamental, pois há uma demanda, mas às vezes não consta da grade curricular, deixando as professoras do primeiro segmento num dilema”, comenta Campos.

O aquecimento global, assunto do momento, também deve ser avaliado mais detidamente, segundo o presidente da comissão. É preciso descobrir meios para não prejudicar a Terra, analisando-se os problemas à luz das diversas ciências – nem ser alarmista nem desprezar o conhecimento de cientistas que trabalham com tempos e fatores diferentes. Por exemplo, enquanto os ambientalistas definem a situação atual do planeta como alarmante, os geólogos ainda não chegaram a um consenso se a temperatura elevada da Terra é uma tendência (o que seria preocupante, realmente) ou apenas mera variação, porque geólogos trabalham analisando períodos de milhões de anos.

Participação – No ano passado, houve um concurso para estudantes de 18 a 22 anos sobre o Ano da Terra. Os três primeiros colocados participam agora, entre os dias 11 e 14 de fevereiro, da abertura oficial do programa, em Paris. O estudante de geofísica da Universidade

Federal Fluminense (UFF), Igor Kestemberg Marino, foi o 1º colocado, com um vídeo sobre a importância dos oceanos, intitulado “Oceano: abismo do tempo”. Em segundo lugar, ficou Francisco Ferreira de Campos, do curso de Ciências da Terra da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). Ele apresentou um desenho sobre os recursos subterrâneos, especialmente a água, com o sugestivo nome de “Agora ou nunca: planeta Terra e os recursos naturais”. Outro desenho ficou em terceiro lugar, o da estudante Thamirez Nogueira Magalhães, da UFF, chamado “Megacidades”.

Fique ligado – A partir de agora haverá ações tanto no mundo científico quanto para o público em geral. No dia em que comemoramos o Descobrimento do Brasil, 22 de abril, comemora-se também o Dia da Terra. Nessa data, em Brasília, haverá uma reunião no Congresso Nacional com diversos cientistas da América do Sul. Em julho, a Sociedade para o Progresso da Ciência (SBPC), em Campinas, aproveitará a sua festa de comemoração de 60 anos para intensificar os debates sobre o assunto.

Nos congressos científicos, haverá incentivo à participação de estudantes, e a Sociedade Brasileira de Geologia promoverá caminhadas geológicas em alguns pontos da cidade do Rio de Janeiro, além de instalar placas em pontos turísticos com explicações sobre locais, como o Pão de Açúcar e a Pedra do Leme. O Museu de Ciências da Terra, na Urca, dará prioridade ao atendimento de pedidos das escolas. Os organizadores da comissão brasileira garantem que diversos órgãos ligados ao mundo científico estarão também apoiando e estimulando o lançamento de livros, histórias em quadrinhos e outras publicações que atinjam todas as faixas etárias. ■

² A contaminação pelo césio 137, em Goiânia, ocorreu em 1987. O acidente radiológico aconteceu depois que um aparelho de radioterapia abandonado em um hospital desativado foi aberto e manipulado por pessoas que não tinham conhecimento de que estavam expostas a um produto perigoso. Várias delas ficaram com seqüelas graves e muitas morreram. O corpo de uma das vítimas tinha uma taxa tão alta de radiação que foi enterrado em um caixão blindado.

SAIBA MAIS

- Academia Brasileira de Ciências
www.abc.org.br
- Serviço Geológico do Brasil
www.cprm.gov.br
- Earth Sciences for Society
www.esfs.org
- Museu de Ciências da Terra
Av. Pasteur, 404, Praia Vermelha. Tel.: 2295-7596 e 2295-4896. De terça-feira a domingo, inclusive feriados, das 10 às 16 horas. Entrada franca.



Opção ao esporte e à arte

A escola precisa funcionar como espaço de descoberta das diferentes potencialidades dos alunos



Fazer escolinha de futebol, encenar uma peça de teatro ou aprender um instrumento musical são atividades sedutoras e caminhos alternativos para afastar crianças e jovens carentes das situações de risco.

Muitos projetos sociais estão aí para provar que esporte e cultura são eficientes na busca da identidade e da condição cidadã. Mas e o papel da escola na formação do indivíduo? Como pode ela se tornar tão envolvente aos

olhos de seus alunos e ao mesmo tempo capaz de descobrir novos talentos?

A escola é ou deveria ser um ambiente completo, capaz de oferecer diferentes possibilidades de escolha. Entretanto, nem sempre ela consegue despertar o interesse dos alunos em relação ao futuro, e a consequência muitas vezes é a evasão. O fato é que foge a professores, coordenadores pedagógicos e diretores o poder de manter as crianças na escola, já que muitas precisam trabalhar cedo, outras não são incentivadas pelos pais a continuar a estudar e, em casos mais graves, até são cooptadas para atividades nem sempre lícitas. E é quando a escola se torna distante que projetos sociais, esportivos e culturais surgem como alternativas de resgate dessas vidas.

Para a psicóloga e coordenadora do Instituto de Estudos sobre o Preconceito da Universidade de São Paulo (USP), Marie Claire Sekkel, o ambiente escolar é um espaço para socialização, esporte, arte e acima de tudo para constituir conhecimento. "Esporte e arte podem até ajudar o aluno a se fortalecer, a descobrir potencialidades para melhorar a auto-estima e a tomar coragem para se colocar em outros espaços, mas essas coisas não podem substituir as outras", questiona ela.

A busca por alternativas que não necessariamente passem pelas salas de aula muitas vezes é consequência da construção de estereótipos sociais. No entendimento da psicóloga, criou-se uma visão de que os mais pobres servem para jogar futebol porque se desenvolvem mais livremente nos espaços. "Isso limita as possibilidades de atuação e a pessoa acaba sendo conduzida a um lugar que nem sempre lhe renderá bons frutos. Tampouco estará sendo livre para fazer suas escolhas", analisa Marie Claire.

Ricos e famosos – A mídia contribui para a glamorização do esporte e da carreira artística, ao apresentar modelos sociais de fama, dinheiro e poder. É como se a possibilidade de reconhecimento e ascensão para os mais humildes só passasse por esses caminhos. Para Marie Claire, os meios de comunicação elegem quem faz sucesso e nem sempre ajudam na busca pela diversidade. "Se a pessoa não se adapta a esses tipos hegemônicos sofre frustração e decepção", complementa. Para a psicóloga, o importante é a pessoa estar bem consigo, saber o que deseja, encontrar o seu lugar na sociedade e evitar comparações. Na análise da docente da USP, o ser humano tem de se aceitar e ser feliz no que faz, sem viver em função da admiração do outro.

Da mesma forma é preciso que crianças e jovens reconheçam que existem outras trajetórias e sejam incentivados a buscá-las. Até porque o mercado não é capaz de absorver todos os meninos com talento para o futebol (na verdade, a grande maioria nunca chegou aos grandes clubes). As meninas também não devem ver na carreira de atriz ou modelo formas únicas de serem reconhecidas. A escola deve ter a sensibilidade de descobrir outros ta- ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

ILUSTRAÇÕES

GUSTAVO CADAR

ADRIANA SIMEONE

ALINE CARNEIRO

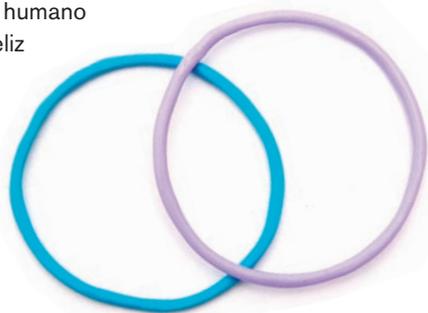
ALESSANDRA BRUM

DIREÇÃO DE ARTE

ALINE CARNEIRO

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO





lentos. O professor pode perceber uma vocação na matemática ou na história, por exemplo.

Responsável por formar grupos musicais hoje reconhecidos internacionalmente, como o Afro Reggae e o Afro Lata, ambos nascidos em Vigário Geral, o Grupo Cultural Afro Reggae está se aproximando das escolas e estabelecendo parcerias. Atualmente, são quatro mil crianças e adolescentes participando de oficinas culturais em quatro comunidades. Seu assessor de projetos, Reginaldo Gabriel de Lima, tem plena convicção de que além da cultura e do esporte é preciso haver incentivo à valorização do ambiente escolar. Reginaldo reconhece que não há espaço para todo mundo se profissionalizar nessas áreas e por isso defende mais possibilidades de escolha.

A certeza de que a educação pode seduzir não tira nem um pouco o mérito inerente à cultura e ao esporte como auxiliares no desenvolvimento e no aprendizado escolar. “Cultura e esporte são servos da educação. Ambos vão desarmando as crianças, tirando-as do ostracismo. Na medida em que vão se tornando mais livres, elas acabam por encontrar um caminho diferenciado para a aprendizagem: melhoram o desempenho escolar e aprendem a ter disciplina para estudar”, acredita o assessor do Afro Reggae.

Reginaldo ressalta que o grande desafio hoje é lidar com a baixa auto-estima de crianças e jovens da periferia. É esse sentimento que muitas vezes está por trás de uma dificuldade de aprendizado ou da falta de vontade de participar de qualquer atividade que exija comprometimento e disciplina, como, por exemplo, uma aula de percussão ou de teatro. Mas quando é trabalhada a motivação, resultados incríveis podem surgir. “Nós estivemos no programa de rádio do Afro Reggae e uma mãe entrou no ar para agradecer porque a filha, ao participar das aulas de circo e percussão, havia conseguido evoluir também na escola. As notas melhoraram, o humor também, e isso contagiou a família”, relata o assessor de projetos do grupo.

A questão é que esporte e arte são essenciais e devem ser vistos como complemento do desenvolvimento pessoal, mas não como fórmulas mágicas de garantia de um futuro

promissor. Para a antropóloga e pesquisadora do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) Regina Novaes, o acesso à cultura e ao esporte não deve ser pensado somente enquanto carreira profissional. Cultura e esporte devem ser garantidos no contexto educacional, mas não como fórmulas únicas. “Ao aprendizado de conteúdos disciplinares deve-se integrar a convivência que o esporte proporciona, a fruição artística, a valorização da diversidade cultural. Temos que aprender a integrar essas dimensões da escola e não hierarquizá-las”, ressalta.

Proximidade – As mudanças na forma de pensar e enxergar o ambiente escolar podem aproximar crianças e jovens desse espaço. Para Regina, mudanças curriculares que integrem conteúdos de diferentes disciplinas, que aproximem teoria e prática, que ensinem a pensar e encontrar meios e caminhos para resolver os problemas da vida podem ser eficientes. Segundo ela, é preciso existir “uma escola que caiba na vida”.

O protagonista desta escola pode e deve ser o professor. Por isso, apostar na relação dele com os alunos deve propiciar descobertas interessantes. Regina Novaes não tem dúvida de que experiências exitosas em educação são aquelas vividas por professores acreditam no que estão fazendo. A psicóloga Marie Claire vai além: as relações não devem ser ideais, mas reais. É preciso que as parcerias entre professores e direção também funcionem, que seja valorizado o seu trabalho e percebido onde ele se realiza. As relações entre os pares e entre professores e alunos precisam se estreitar. O assessor de projetos do Afro Reggae concorda com a psicóloga e aposta num diálogo entre professor e aluno, individualizando o tratamento para que a criança ou o jovem possam se abrir, falar sobre suas expectativas e desejos. “Sei que as turmas são grandes, que é difícil chegar a todos, mas, sempre que possível, o ideal seria que o professor se concentrasse na sensibilidade e na aproximação”, conclui Reginaldo. ■



Experiência bem-sucedida



Regina Célia e Tânia Cristina com alunos do cest da E. M. França: o centro de estudos tem sido importante para desenvolver o gosto pela leitura e escrita

Aprender com prazer. Esta é a definição mais apropriada para a experiência vivida pela Escola França (5ª CRE) com o seu Centro de Estudos dos Alunos (cest). Introduzidos em 2007 na Rede, os cests têm sido importantes para desenvolver nos alunos o gosto pela leitura e pela escrita em diferentes disciplinas. A coordenadora pedagógica da escola, Tânia Cristina de Abreu Barbosa, afirma que esses centros têm como objetivo o desenvolvimento do aluno. “Eles aprendem a aprender. Para isso, usamos a sala de leitura e o laboratório de informática. É um trabalho interdisciplinar. É importante que eles se habituem com esses espaços. A nossa sala de leitura, por exemplo, tem mais de 6 mil livros. O cest estimula o gosto pelo estudo e põe os alunos para ler e escrever”, afirma.

Todas as quartas-feiras coordenação e professores se reúnem para avaliar o andamento do trabalho com os alunos e traçar as metas para o futuro. “No cest não há cobrança de nota ou avaliação. Isso nos permite trabalhar de maneira mais livre os conceitos que os professores su-

gerem desenvolver com os alunos. Mas, além do que o professor sugere, é importante aproveitar o que os alunos querem e gostam”, acrescenta Tânia Cristina.

Professores e alunos concordam que é necessário juntar os tempos de cest na escola, uma reivindicação dos alunos. Como as turmas utilizam dois tempos de 50 minutos por semana, mas em dias diferentes, é necessário dividi-las em duas para que os grupos possam usufruir simultaneamente o laboratório de informática e a sala de leitura. Com a junção dos períodos sobriaria tempo para desenvolver melhor uma determinada atividade.

O cest da Escola França tem contribuído para os professores trabalharem temas variados. Um deles surgiu a propósito da comemoração do Dia Mundial da Água, 22 de março. Como algumas comunidades próximas à escola ainda encontram dificuldades no acesso à água potável, o tema foi muito bem recebido pelos alunos, que se entusiasmaram”, conta Tânia Cristina. Nesse dia, professores e alunos assistiram ▶

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

no auditório da escola a uma apresentação multimídia sobre o tema, que teve desdobramentos em oficinas de geografia, ciências e matemática, entre outras disciplinas.

Segundo Tânia Cristina, a mobilização pelo Dia Mundial da Água teve como objetivo sensibilizar a comunidade escolar para a escassez do recurso. “Cada um pode dar sua contribuição e também racionalizar o uso da água. Também quisemos passar a importância de preservar o meio ambiente através da reciclagem. Os alunos tiveram a ideia de reciclar garrafas *pet* para produzir objetos e brinquedos, que ficaram muito *bacanas*”, ressalta a professora de cest e de geografia, Regina Célia Duarte Couto.

Os alunos também produziram um livro sobre a história do bairro da Piedade, onde se situa a escola. A professora de história ajudou na pesquisa e a produção foi realizada pelos alunos nas atividades de cest. Os resultados foram muito positivos. “Na avaliação que eles fizeram em 2007 sobre as atividades do centro, eles demonstraram muita empolgação”, comenta Tânia Cristina. Outra atividade que rendeu bons frutos foi uma minibienal do livro, aberta à comunidade, numa parceria entre a sala de leitura e o cest da escola. Temas como cidadania e a redescoberta das Américas (motivado pela realização dos Jogos Pan-americanos) também renderam atividades interessantes.

Respeito à diversidade – Um ponto a destacar no trabalho realizado na escola é que todas as turmas participam das atividades propostas, desde as de educação infantil até as do período final do terceiro ciclo, passando também pelas de educação especial, o que reflete uma busca pela integração. “Temos que valorizar a diversidade, e integração é importante. Não há atividade realizada apenas por um grupo ou outro. Todos, cada um dentro de suas características, participam dos mesmos projetos”, explica Regina Célia, acrescentando que tudo que é feito na escola tem este enfoque. O grêmio, por exemplo, é constituído também por alunos do primeiro segmento. O mesmo vale para a monitoria.

Pablo Eymard, de 14 anos, aluno do período final do terceiro ciclo, revela que não tinha o hábito de ler até começar a frequentar a sala de leitura nas aulas de cest. “Tomei gosto pela leitura, eu só lia gibis. Agora leio os livros e um

dos meus favoritos é o *Noções das coisas*, do Ziraldo. Tudo o que fazemos aqui também é muito legal”, comemora.

Tânia conclui fazendo um balanço da experiência vivida pela escola. “A criação do centro foi uma medida produtiva. Exploramos bastante o que ele nos permitiu fazer. Trabalhamos diferentes atividades e já estamos pensando em novidades para o ano que vem”. ■

Deu certo

- **Cest** – provou ser um espaço para buscar novas abordagens para questões tratadas por professores e alunos.
- **Integração** – é importante para o sucesso dos projetos.
- **Trabalho de monitoria** – além de estarem aprendendo mais, monitores ajudam no funcionamento da escola e na troca de conhecimentos dos alunos.
- **Trabalho interdisciplinar** – é importante para os professores verem que uma disciplina complementa a outra. Também uniu os professores da escola.
- A integração de duas turmas de anos diferentes do ciclo.

Poderia ser modificado

- **Carga horária** – o cest conta com dois tempos de 50 minutos para cada turma por semana, mas que são ministrados em dias diferentes, o que dificulta a continuidade do trabalho. É pouco tempo para desenvolver as atividades. Os próprios alunos fizeram essa reivindicação.
- **Aulas-passeio** – os professores pretendem desenvolver essa atividade com os alunos.



Os integrantes do conjunto de câmara AcarioCamerata se apresentam no Theatro Municipal do Rio de Janeiro sob a regência do músico Caio Cezar

ARTE E CULTURA

Iniciativa que vale prêmio

André era um menino tímido que se encantou com o bandolim e hoje dá aulas de música. Yasmin não gostava de fazer as tarefas escolares, mas desde que entrou no balé passou a ser disciplinada. Seu Joãozinho morreu feliz aos 85 anos depois de realizar o sonho de tocar rabeca. Os três personagens desta história não são fictícios, mas moradores de Acari, e passaram por transformações depois que conheceram a Escola Alexandre de Gusmão (6ª CRE), no mesmo bairro. Por conta de projetos na área social, que possibilitaram a melhoria da qualidade de vida da comunidade, a instituição foi a vencedora do Concurso Ibero-americano de Promoção da Saúde em Âmbito Escolar, iniciativa da Organização Pan-americana da Saúde (OPS), ligada à Organização Mundial de Saúde (OMS).

A escola foi selecionada entre 230 participantes de 14 países e recebeu o prêmio na categoria Âmbito escolar. A diretora da unidade, Avamar Pantoja, acredita que o fortalecimento dos laços com a comunidade foi decisivo. “O prêmio é o reconhecimento de que a escola promoveu o desenvolvimento comunitário. A gente foge daquela coisa assistencialista. Saúde hoje em dia é bem-estar físico, emocional, psicológico, comunitário”, diz ela.

As mudanças que propiciaram essa vitória começaram há cerca de 10 anos, com a estruturação do projeto político-pedagógico Transformando Indivíduos em Cidadãos de um Novo Tempo. O objetivo da diretora era criar referenciais positivos na área de cultura para uma comunidade com pouco acesso a atividades desse tipo. “Eu moro no bairro e não tinha ►

TEXTO
CAROLINA BESSA
FOTOS
DIVULGAÇÃO E
ALBERTO JACOB FILHO



O Centro de Ópera Popular de Acari tem hoje 500 alunos e fila de espera para as concorridas aulas de balé clássico

aonde levar meus filhos. Precisava pegá-los, pô-los no carro e levá-los a um museu no Centro. Só que muitas crianças têm poder aquisitivo menor e dificuldades de transporte. Por isso, montamos um projeto político-pedagógico pensando num modo de ampliar o universo de experiências delas”, conta Avamar.

Com a ajuda do amigo e violinista Caio Cezar, os sonhos da diretora começaram a ganhar forma, com a criação de oficinas de música. Além dos estudantes da Alexandre de Gusmão, os de outras escolas do entorno se interessaram em participar. No início, o projeto era voltado apenas para crianças e jovens. É aqui que entra o octogenário Seu Joãozinho. Ele era morador da comunidade, adorava música e, depois de muito insistir, foi autorizado a freqüentar as oficinas na escola. Só que o espaço foi ficando pequeno para tanta procura, até que Avamar conseguiu, através de parcerias, ocupar um prédio próximo, onde hoje funciona o Centro de Ópera Popular de Acari. No local, cerca de 500 alunos da Alexandre de Gusmão e de outras escolas da região, além de moradores do bairro, têm aulas de bandolim, violão, cavaquinho, contrabaixo, balé clássico, teatro e coral.

Dedicação – As crianças e adolescentes têm teoria musical e aprendem a ler partituras. André Cesari, o garoto do bandolim, começou a se dedicar à música aos nove anos e hoje, com 16,

trabalha como professor em uma das oficinas. A prova de que a vontade de aprender não tem idade nem regra é que a mãe do rapaz agora é sua aluna. Segundo a diretora da escola e do Centro de Ópera, o menino tímido tornou-se um músico responsável, que está sendo preparado por Caio Cezar para atuar como profissional.

O aprimoramento técnico dos participantes das oficinas de música possibilitou que os 10 melhores alunos fossem selecionados para integrar um conjunto de câmara, o AcariOcamerata, que já se apresentou no Theatro Municipal, no Rio de Janeiro, e na Mostra Internacional de Música, em Olinda. O grupo, formado por jovens de 16 a 28 anos, alguns ex-alunos da escola municipal, gravou recentemente seu primeiro CD, lançado pelo selo Rádio MEC e patrocinado pela Petrobras.

A participação na camerata apresentou aos jovens a música clássica e hoje eles sabem interpretar um repertório que vai de Bach a Villa-Lobos, passando por Radamés Gnattali e Carlos Gomes. Entretanto, isso não impede que os participantes das diferentes oficinas de música sejam roqueiros, funkeiros ou pagodeiros. “Há meninos que conhecem vários ritmos e ganham dinheiro tocando em festas. É muito interessante”, ressalta Avamar.

A mudança de atitude dos estudantes é visível para a diretora. A menina Yasmin conse-



Oficinas de dança e música resgatam auto-estima de alunos da Escola Alexandre de Gusmão e de moradores da comunidade

guiu através do balé relacionar-se melhor com os estudos. Segundo Avamar, ela costuma dizer que agora faz todos os exercícios passados pela professora porque, afinal de contas, é uma bailarina. A menina reconheceu a sua identidade através da dança. Assim como ela, que viu na dança uma perspectiva, um menino de nove anos precisou vencer o preconceito dos pais para se matricular nas aulas de balé.

Leitura – O projeto político-pedagógico continua rendendo frutos. A mais nova vertente é a Casa da Leitura, formulada em 2006. O espaço criado em uma das salas da Alexandre de Gusmão tem como meta desenvolver o gosto pela leitura. Nele, trabalham duas professoras da escola e uma voluntária da comunidade. Entre as atividades propostas estão contar histórias, oficinas e rodas de leitura, além do empréstimo de livros para alunos da escola e de outras quatro do bairro. O público-alvo inicial era de alunos até o segundo ano do segundo ciclo, mas o universo já vem se ampliando. “Estamos despertando o interesse pela leitura não só nas crianças, mas também nos pais. Alguns são tão assíduos que criamos um espaço na biblioteca com livros destinados ao público adulto”, conta a voluntária e estudante de letras Dinair de Fonte Silva, de 25 anos.

Ler realmente se tornou instigante e lúdico. Segundo Avamar, os alunos que só gostavam de

gibis viraram leitores de livros e cada vez mais buscam leituras diferentes. Uma mudança de atitude também foi notada. “As escolas particulares do entorno adotavam um livro para o aluno fazer prova. Depois de perceberem como estamos trabalhando aqui, passaram a entender a literatura como algo que tem função social, que dá alegria e prazer”, orgulha-se Avamar.

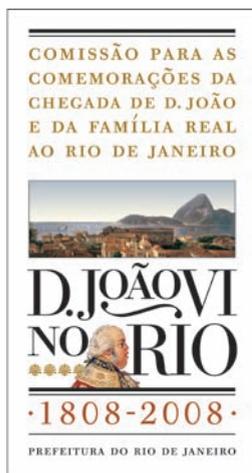
Aliás, as oficinas abriram um novo horizonte para muita gente. Dinair concilia as atividades da Casa de Leitura com as do coral do Centro de Ópera Popular de Acari, formado por 20 componentes. O grupo já se apresentou em hotéis e no Teatro Municipal de Caxias, cantando uma ária de ópera. A jovem divide as alegrias com o sobrinho Matheus Gomes Silva, de 12 anos, que se tornou um apreciador de música, participando de oficinas de cavaquinho, contrabaixo e percussão.

Idealizadora de tantas experiências de sucesso, a diretora Avamar mantém os pés no chão. Ela se define como uma “realista esperançosa” e tem convicção de que sua função na Escola Alexandre de Gusmão fez com que os sonhos se concretizassem. Para ela, o seu mérito foi ter escolhido as pessoas certas para a ajudarem nessa jornada. “Nós temos que mostrar que aqui não há só violência, mas que existe a AcariOcamerata que grava CD; o coral que faz diversas apresentações e muitos outros projetos”, comemora. ■

Há 200 anos, com batucada

Os sambas de enredo das escolas do Rio oferecem todos os anos farto material para disciplinas como história, geografia, língua portuguesa, literatura, ciências e muito mais. Este ano, em que se comemoram os 200 anos da chegada de Dom João à cidade, que a elevou a capital do Império de Portugal, Brasil e Algarves, três agremiações do Grupo Especial apresentaram a seu modo a chegada da corte, seus antecedentes e as modificações que a cidade sofreu a partir de então. A vida carioca há dois séculos foi cantada por São Clemente, Mocidade Independente de Padre Miguel e Imperatriz Leopoldinense. Para o professor que quiser esticar um pouquinho o clima de carnaval e se aprofundar em determinados assuntos em sala de aula, aí estão os sambas-enredo e a intenção de cada carnavalesco.

foi assim



São Clemente

A primeira a cantar a chegada da corte portuguesa foi a São Clemente, que abriu a festa na Marquês de Sapucaí no domingo, ou, como disse o carnavalesco Milton Cunha, fez uma “Entrada Régia” sobre o período joanino. Embasado em ampla pesquisa, Cunha mostrou a porção lusitana do carioca, a começar pela preferência por festas e fogos. Em seguida, a escola relatou os diversos benefícios que, como capital do Império, o Rio passou a ter.

Temas que podem ser abordados – origem do carnaval; imprensa no Brasil; origem do povo carioca e a influência da cultura portuguesa; as entradas régias; casamento de Dom João e Carlota Joaquina; melhorias na cidade; as missões artísticas e científicas.

O CLEMENTE JOÃO VI NO RIO: A REDESCOBERTA DO BRASIL...

Autores: Helinho 107/Ricardo Góes/Naldo/Cláudio Filé/Armandinho do Cavaco/Marcelo Santa Clara

No céu brilhou
O azul cintilante refletindo a nobreza
Lisboa se enfeitou
Celebrando a união das realezas
O povo festejou
Para orgulho da Coroa Portuguesa
O reino então se mudou
Meu Rio se transformou
Num grande centro de “real” beleza
Um verdadeiro paraíso tropical
Entrada régia com florais e esculturas
O ritual do beija-mão é sem igual
O amor impera em sublime poesia
E no palácio a alegria é geral
Com os portos abertos

Surgem amigas nações
Sob o olhar fuzileiro
Adeus colônia, pois o Rio é capital
Viagens pitorescas... “colorindo” a cidade
“Pinta” a arte francesa
O aclamado Rei de Portugal
Vê chegar a hora da partida
O povo se rende na mais pura emoção
É eterno o carinho ao “clemente João”
Grande monarca luso-brasileiro
Receba a homenagem do meu Rio de Janeiro
Cerimônia na corte... “fechou geral”
Maria a Louca “arrasô” no visual
A São Clemente com requinte e fidalguia
Prepara a festa pra Família Real

TEXTO

BETE NOGUEIRA

ILUSTRAÇÕES

ALINE CARNEIRO



D. João VI - D. Carlota Joaquina

Mocidade Independente

Abrindo o desfile de segunda-feira de carnaval, a Mocidade Independente de Padre Miguel recuou alguns séculos mais para contar a história de Portugal a partir de 1139, quando Dom Afonso teve uma visão mística de que sua nação se tornaria o Quinto Império Universal, suplantando Babilônia, Pérsia, Roma e Grécia. O carnavalesco Cid Carvalho contou os avanços dos navegadores portugueses e estratégias do governo até a chegada de Dom João ao Brasil, que teria reacendido o sonho do Quinto Império. O enredo aborda também Dom Sebastião, rei português que desapareceu durante batalha contra os mouros. Isso o transformou num mito, utilizado até por líderes messiânicos, como Antonio Conselheiro.

Temas que podem ser abordados – Grandes navegações; messianismo; sebastianismo; história de Portugal; misticismo; batalhas entre mouros e cristãos; união das coroas de Portugal e Espanha.

O QUINTO IMPÉRIO: DE PORTUGAL AO BRASIL, UMA UTOPIA NA HISTÓRIA

Autores: Marquinho Marino/Gustavo Henrique/Igor Leal

Portugal
Bendito seja... Abençoado pelo Criador
Uma utopia, um destino, um sonho místico
de grandes realezas
Sonhar... Com glórias um rei desejar
E o sol volta a brilhar
Com a esperança no olhar
Mas desapareceu como um grão de areia no
deserto
E encantado renasceu
Em cada ser, em cada coração
Para afastar a cobiça na busca do ideal
O Quinto Império Universal
Deixe o meu samba te levar
E a minha estrela te guiar
À Praia dos Lençóis, nas crenças do Maranhão

Tem um castelo que é do Rei Sebastião
No Rio de Janeiro aportaram caravelas
Trazendo a Família Real
Progresso em cores combinadas
Debret retratava a transformação
Nas terras tropicais do meu Brasil
A herança, a dor... O mito ressurgiu
Eis o guerreiro sebastiano
O mais ufano dos lusitanos em verde e branco
Que traz no peito uma estrela a brilhar
De Norte a Sul desta nação
Faz a manifestação popular
Minha Mocidade guerreira
Traz a igualdade justa e paz
Hoje o Quinto Império é brasileiro amor
Canta Mocidade canta!



SAIBA MAIS

Livros

- *Arte efêmera em Portugal*. Fundação Calouste Goulbenkian.
- *A longa viagem da biblioteca dos reis*, de Lília Moritz Schwarcz. Biblioteca Nacional/Companhia das Letras.
- *A corte portuguesa no Brasil*, de Paula Horta. Editora Saraiva
- *D. João Carioca*. História em quadrinhos assinada por Lília Moritz Schwarcz (roteiro) e Spacca (ilustrações). Companhia das Letras.
- *Vida privada e cotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*, de Maria Beatriz Nizza da Silva. Lisboa, Editorial Estampa.

Site

No Portal da MULTIRIO, há diversos textos em www.multirio.rj.gov.br/historia

Imperatriz Leopoldinense

A carnavalesca da Imperatriz, Rosa Magalhães, gostou da oportunidade de novamente contar uma das inúmeras facetas de nossa história e inventou o enredo *João e Marias*. Fiel ao seu gosto por contos de princesas, castelos e ligações perigosas, Rosa começa contando a história de Maria Antonieta, que se tornou rainha da França, e de Dona Maria I, mãe de Dom João. Tudo isso para mostrar como a ambição de Napoleão Bonaparte interferiu no nosso destino e quem foi a imperatriz Leopoldina, que era sobrinha de Maria Antonieta e deu nome à escola.

Temas que podem ser abordados – Revolução Francesa; absolutismo; trajetória de D. Maria I, a Louca; guerras napoleônicas; abertura dos portos; criação da Academia de Belas-Artes; coroação de Dom Pedro I.

JOÃO E MARIAS

Autores: Josimar/Di Andrade/Valtencir/Carlos Kind/Jorge Arthur

Maria uma princesa
Também sonhava
Um dia um príncipe encontrar
E ouviu do Rei de França
Em meio ao luxo e a bonança
Maria Antonieta tu serás
Em Portugal, outra rainha, Dona Maria
A Louca não podia governar
Delirava temendo a revolução
E entrega o reino a João
Regente assim se fez, e o imperador francês
Ordena a invasão
Ou ficam todos
Ou todos se vão
Embarcar nessa aventura
E au revoir Napoleão

Cruzaram mares
Chegaram ao Brasil
São novos ares, progresso e a transformação
Vieram as Marias, toda fidalguia, Dom João
O tempo passou, irão se casar
Duas Marias da mesma raiz
Luisa com Napoleão
E Leopoldina será nossa imperatriz
Será também nome de trem
Que passa em Ramos, a nossa estação
Onde imperam Marias e Joãos
Vem brincar nesse trem, amor
Que vai parar na estação do coração
Faz brilhar no céu Imperatriz
As onze estrelas do teu pavilhão



MACHADIANO

Histórias de todos os gêneros

No centenário da morte de Machado de Assis, NÓS DA ESCOLA dedica seção especial ao escritor

Conhecer a vida e obra de Machado de Assis é uma viagem no tempo, mais precisamente ao Rio de Janeiro do século XIX. O jornalista, contista, romancista, cronista, poeta e teatrólogo é uma das expressões máximas da literatura brasileira. Por isso, neste ano em que se comemoram os 100 anos de sua morte, NÓS DA ESCOLA inaugura esta seção especial com matérias que pretendem se aprofundar no universo do escritor. Os personagens, fatos históricos da sua época e lugares por onde passou Machado serão apresentados aqui. É só apertar os cintos, que a viagem já vai começar.

Embora seja conhecido apenas pelo sobrenome, o escritor foi batizado Joaquim Maria Machado de Assis. Nasceu em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro. Seu pai, Francisco José de Assis, foi um escravo liberto que se tornou operário, e sua mãe, Maria Leopoldina Machado de Assis, era uma costureira portuguesa, nascida na Ilha de São Miguel, a maior dos Açores. Durante a infância morou no Morro do Livramento e freqüentou por algum tempo uma escola num pequeno sobrado da Rua do Costa (atual Alexandre Mackenzie), no Centro.

Machado perdeu cedo a mãe e uma irmã, que tinha apenas quatro anos. O pai se casou então com Maria Inês da Silva. Nesta época, o jovem resolveu ser coroinha da Igreja da Lampadosa, mas já alimentava o sonho de escrever, só que sua preferência era pela poesia. A primeira tinha o título de *Ela* e foi publicada no jornal *Marmota Fluminense*, em 12 de janeiro de 1855. Na ocasião, o escritor iniciante já completara 16 anos e trabalhava como aprendiz de tipógrafo no periódico; depois foi empregado na Imprensa Oficial na mesma função.

O jornalismo entrou na vida de Machado de Assis em 1858, quando ele se tornou revisor e colaborador do *Correio Mercantil*. Em seguida,

foi convidado por Quintino Bocaiúva para pertencer à redação do *Diário do Rio de Janeiro*. Na época também escrevia para a revista *O Espelho*, onde fazia crítica teatral, na *Semana Ilustrada* e no *Jornal das Famílias*, onde publicou vários contos. No *Diário do Rio de Janeiro*, Machado foi redator e fazia a cobertura do Senado. Curiosamente, ele não anotava nada. Guardava na cabeça nomes, roupas e depoimentos que depois relatava quando chegava ao jornal.

Flor da idade – Aos 20 anos, Machado se aventurou a escrever o libreto da ópera *Pipelet*, apresentada no Theatro de São Pedro, reconstruído em 1920 com o nome de João Caetano. Passou por experiências semelhantes com *O caminho da porta* e *O protocolo*. Algumas chegaram a ser encenadas em saraus literários e concertos. Mas não foi neste gênero que ele se consagrou, e sim nos contos, crônicas e romances que escreveu. Sua produção foi tão intensa que ele mesmo chegou a declarar: “Vinte anos, um bigode em flor, muito sangue nas veias e um entusiasmo capaz de puxar todos os carros”, conforme relatado no livro *Para conhecer Machado de Assis*, de Keila e Lucia Grinberg e Anita Correia Lima de Almeida.

O primeiro volume do escritor foi finalmente publicado em 1861, com o título *Queda que as mulheres têm para os tolos*, mas ele aparece apenas como tradutor. Segundo relatos, a sátira tinha razão de ser: Machado estava apaixonado e acreditava não ser correspondido. Entretanto, o romance com a tal moça, chamada Corina, aconteceu e foi breve. Por conta da desilusão amorosa, ele escreveu e publicou o livro de poesias *Crisálidas*, em 1864.

Depois de sete anos no *Diário do Rio de Janeiro*, Machado de Assis se cansou dos baixos salários e resolveu migrar para o serviço ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ARQUIVO GERAL

DA CIDADE

ARTE

CLÁUDIO GIL



MACHADIANO

público. Foi nomeado ajudante do diretor de publicação do *Diário Oficial*. Sua carreira de funcionário deslanchou e possibilitou-lhe uma vida mais estável financeiramente. Em 1873 foi nomeado primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Sete anos mais tarde, o poeta Pedro Luís de Sousa assumiu o cargo de ministro interino da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e convidou Machado para ser oficial de gabinete. O escritor foi promovido a titular da Diretoria do Comércio do então ministério em 1889 e em três anos tornou-se diretor-geral do Ministério da Viação.

Se a vida profissional transcorreu bem, a pessoal foi ainda melhor. Em 1869, Machado conheceu Carolina Augusta, irmã de seu amigo Faustino Xavier de Novais. Apesar dos seus 34 anos, ou seja, não era considerada nova para a época, Carolina despertou um especial interesse de Machado, por gostar de poesia e literatura. Foi o suficiente para que surgisse uma forte cumplicidade entre os dois. No dia 12 de novembro do mesmo ano, eles se casaram. Carolina foi companheira do escritor por 35 anos e passou com ele momentos difíceis, como o da descoberta de que era epiléptico ou o de uma doença nos olhos que o impediu de ler e escrever. Na ocasião, ele ditava seus textos e a esposa os escrevia. Deste jeito *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi concebido, em 1881. O romance havia sido publicado em folhetins na *Revista Brasileira* de 15 de março de 1879 a 15 de dezembro de 1880.

Aliás, algumas obras de Machado primeiro saíram como folhetins em periódicos para depois virarem livros. É o caso de *A mão e a luva*, de 1874, pelo *Diário do Rio de Janeiro*, além de crônicas e contos. Entretanto, nenhuma foi tão polêmica quanto *Memórias póstumas*. Primeiro porque os críticos não conseguiam definir se o texto era um romance e, segundo, porque a narração era feita por um defunto e de trás para frente. Com tom irônico e sarcástico, a história contada em primeira pessoa por Brás Cubas é iniciada com uma inusitada dedicatória “ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver”.

O livro seguinte, com boa aceitação do público, foi *Quincas Borba* (1891), que pode ser definido como a história do homem que perdeu a fortuna, o amor e a razão. Da obra veio sua frase mais famosa: “Ao vencedor, as batatas”. Já *Dom Casmurro* (1899) tornou-se um *best-seller* assim que terminou de ser escrito. Foram encomendados 2 mil exemplares antes de chegar às livrarias. A história de Bentinho e Capitu é motivo de análise de especialistas e de interesse de leitores vorazes até os dias de hoje.

Com a morte de Carolina, em 1904, Machado de Assis pouco saía da casa no Cosme Velho e aproveitava os tempos reclusos para escrever. Publicou então *Esaú e Jacó* (1904), *Relíquias da casa velha* (1906) e *Memorial de Aires* (1908). Em 1908, o escritor estava muito doente e acabou morrendo em casa, no dia 29 de setembro. ■

SAIBA MAIS

Livros

- *Para conhecer Machado de Assis*, de Keila Grinberg, Lucia Grinberg e Anita Correia Lima de Almeida. Jorge Zahar Editor, 2005

Sites

- Página do Espaço Machado de Assis: www.machadodeassis.com.br
- Academia Brasileira de Letras: www.academia.org.br
- Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina: www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/machado.html

Casa de Machado de Assis

Além da obra, Machado deixou como legado a Academia Brasileira de Letras (ABL). A idéia de criá-la partiu principalmente do jornalista, contista e poeta Lúcio de Mendonça, que fazia parte do grupo de intelectuais que se reunia na *Revista Brasileira*, e foi imediatamente apoiada pelo autor de *Dom Casmurro*. O espaço foi inspirado na Academia Francesa e seria utilizado para encontro dos grupos, que já faziam reuniões e jantares mensais, com o objetivo de criticar o uso da língua.

Desde os encontros preparatórios até a instalação, no dia 28 de janeiro de 1897, Machado se dedicou integralmente à ABL. Foi eleito presidente e ocupou o cargo até o fim da vida. Apesar de muitos acreditarem que ele fora o ocupante da cadeira nº 1, na verdade a sua cadeira era a de nº 23, que teve como patrono o escritor José de Alencar, figura que despertou grande admiração nele. A atuação do autor de *Quincas Borba* foi tão marcante que até hoje o local é conhecido como a Casa de Machado de Assis.

As primeiras reuniões se realizaram no escritório de um dos membros do grupo, no Real Gabinete Português de Leitura e na Livraria Garnier. A sede definitiva, um prédio erguido para abrigar o Pavilhão da França, na Exposição do Centenário da Independência, foi doada pelo governo francês em 1923. O edifício é uma réplica do palácio Trianon, de Versalhes, França. No local ainda há vestígios da vida do escritor, já que lá estão móveis que pertenceram à casa de Machado e Carolina, no Cosme Velho.

A seção deste mês indica livros e filmes que abordam o tema gênero, assunto da sessão *Professor on-line* desta edição.

Filmes



Transamérica

Direção: Duncan Tucker, 2006

Bree é uma bem-ajustada transexual. Ela nasceu como Stanely, geneticamente um homem, mas ela dará o último passo para se tornar a mulher que sempre sonhou até descobrir que é pai de um garoto de 17 anos. Com medo de contar a verdade ao jovem, ela embarca em uma jornada que pode mudar as vidas de ambos e trazer à tona a verdade que os une.

Billy Elliot

Direção: Stephen Daldry, 2000

Billy Elliot é um garoto de 11 anos que mora numa cidadezinha da Inglaterra, onde o principal meio de sustento são as minas de carvão. Obrigado pelo pai a treinar boxe, Billy fica fascinado com a magia do balé, com o qual tem contato através das aulas de dança clássica ministradas na mesma academia onde pratica boxe. Incentivado pela professora de balé, que vê em Billy um talento nato para a dança, ele resolve então pendurar as luvas de boxe e se dedicar de corpo e alma à dança, mesmo tendo que enfrentar a contrariedade do irmão e do pai à sua nova atividade.

Livros

Corpo, gênero e sexualidade

Dagmar Meyer, Rosângela Soares
Editora Mediação, 2004

Crianças e jovens comunicam-se e interagem através de seus corpos, fazendo neles marcas que os diferenciam, como tatuagens, pinturas nos cabelos e *piercings*. A escola precisa ajudá-los a refletir e a tomar decisões relacionadas a questões muito sérias, como a da sexualidade, por exemplo, diante da infinidade de opções com as quais se deparam todos os dias. Os autores deste livro contextualizam essa problemática com cenas do cotidiano da escola, respostas de jovens a pesquisas na internet e outros contextos que a evidenciam. Não há como pensar em educação sem pensar nos "corpos" presentes na escola, sem refletir sobre as marcas neles impressas pelo espaço cultural e sem incluir nos projetos e práticas pedagógicas as temáticas do corpo, do gênero e da sexualidade.

Gênero, mídia e sociedade

Organização: Angela Shaum
Editora: Expressão e Arte, 2007

Gênero, mídia e sociedade reúne 19 artigos de pesquisadores que compõem um panorama de perspectivas contemporâneas e tendências por meio das quais a temática de gênero vem sendo problematizada. Grandes temas emergem do conjunto gênero e mídia, gênero e sociedade, gênero e literatura, gênero e história e gênero e arte, e apresentam um amplo painel dos mais recentes rumos tomados pelos estudos de gênero que traz à luz os resultados das reflexões que vêm sendo realizadas pelos núcleos de estudos nas universidades brasileiras.

Questões de gênero na infância

Paula Rodrigues
Editora Instituto Piaget, 2003

As crianças que apresentam nas suas brincadeiras condutas típicas do sexo oposto são motivo de preocupação dos adultos, e a idéia de que elas se tornarão indivíduos com escolhas sexuais diferenciadas abala os conceitos estabelecidos pela sociedade. De fato, quando isto acontece, torna-se importante descortinar se esses comportamentos são apenas exploratórios e passageiros ou se refletem problemas relacionados com o desenvolvimento da identidade de gênero da criança. *Questões de gênero na infância* procura, através de indicações preciosas sobre a cultura lúdica das crianças e as diferenças de gênero, esclarecer algumas dúvidas existentes no âmbito do desenvolvimento da criança e a influência de fatores psicológicos, sociais e culturais relacionados com o jogo e o brincar espontâneo.

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Aventuras cariocas II Matilda Contos Desfeitos	O Mundo Secreto dos Jardins	Vamos Brincar (6) A Rua do Zôo 64 (6) Um Sonho de Criança (6) Nós da Escola (programas inéditos nos dias 13, 20, 27)	O Mundo Secreto dos Jardins	Contos de Fadas Poloneses Matilda Contos Desfeitos Um Sonho de Criança	9h-9h30	O Mundo Secreto dos Jardins Como a Arte Moldou o Mundo, ep. 4 (3) Acima do Peso (10) Papagaios Amarelos (17)
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h	O Mundo Cabe Numa Cadeira de Barbeiro (24) Aventuras Cariocas II Vamos Brincar
Net - canal 14							
7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados
8h-9h	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas
9h-9h30	Nós da Escola	Nós da Escola	Nós da Escola	Nós da Escola	Nós da Escola	Nós da Escola	É tempo de Diversão Museu Mutante Arte em Questão Lucas e Lucinda
9h30-10h	Shakespeare: Histórias Animadas	Shakespeare: Histórias Animadas	O Mundo Secreto dos Jardins	Shakespeare: Histórias Animadas	Shakespeare: Histórias Animadas	Cantos do Rio MPB	Cantos do Rio MPB
10h-10h30	Encontros com a Mídia <i>Convidados:</i> Rosália Duarte (4); Bia Bedran (11); Pedro Lessa (18); Zico Góes (25).	Encontros com a Mídia <i>Convidados:</i> Rita Ribes (5); Gutti Fraga (12); João Madeira (19); Jailson de Souza (26).	Contos de Wilde	Encontros com a Mídia <i>Convidados:</i> Nádia Rebouças (7); Belisário França (14); Bruno Feijó (21); Seymour Papert (28).	Encontros com a Mídia <i>Convidados:</i> Rui de Oliveira (8); Jorge Bodanzki (15); Afonso de Albuquerque (22); Mauro Garcia (29).	O Mundo Secreto dos Jardins	O Mundo Secreto dos Jardins
10h30-11h	Noah e Saskia Série australiana	Noah e Saskia Série australiana	Noah e Saskia Série australiana	Noah e Saskia Série australiana	O Mundo Secreto dos Jardins	Aventuras Cariocas Vamos Brincar	Aventuras Cariocas Vamos Brincar
11h-11h30	Como a Arte Moldou o Mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Documentário Nacional	Viajantes da História	Documentário Nacional	Como a Arte Moldou o Mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Tempo e Clima Contos Desfeitos Matilda	Encontros com a Mídia <i>Convidados:</i> Nelson Hoineff (3); Patrícia Alves (10); Orlando Guilhon (17); Wilson Lazaretti (24)
11h30-12h			Arte na Galeria			Um Sonho de Criança As Formas do Invisível	
12h-12h30	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	A série <i>Ecce Homo</i> apresenta diferentes formas de expressão e organização das sociedades humanas: trabalho, família, religião, guerra, educação, arte, comércio, meio ambiente, língua e suas diversas formações. Os temas são desenvolvidos a partir de imagens enriquecidas por comentários de especialistas. A série foi produzida em várias épocas e teve vários diretores, o que lhe dá diversidade de narrativa.	
12h30-13h	Aventuras Cariocas Matilda Contos Desfeitos	Contos Desfeitos As Religiões do Mundo	Vamos Brincar A Rua do Zoo 64 Um Sonho de Criança	O Mundo Secreto dos Jardins	Br@nché (língua francesa) Contos de Fadas Poloneses		
13h-13h30	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados.	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

Programação sujeita a alterações. Para mais informações, consulte www.multirio.rj.gov.br.

2º Concurso de argumentos

SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA

EDITAL - 2º CONCURSO DE ARGUMENTOS

SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA

Um dos desafios da SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA é o de aproximar alunos e professores de eventos e/ou produções que facilitem o acesso às diferentes linguagens de comunicação e discutir estratégias para aprimorar o uso da mídia na educação.

A segunda edição do Concurso de Argumentos, inspirada, desta vez, na narrativa e nos personagens de Machado de Assis, por ocasião do centenário de sua morte em 2008, será celebrada também pela SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA em parceria com a Academia Brasileira de Letras (ABL).

Neste sentido, continuamos a incentivar e apoiar nossos alunos e professores a desenvolverem sua capacidade criativa de contar histórias, estimulando a produção escrita e acentuando a importância da narrativa na concepção e produção de uma obra audiovisual.

I – TEMA: MACHADO DE ASSIS

Criador de personagens e narrativas inesquecíveis, Machado de Assis é considerado um dos mais importantes escritores da Literatura Brasileira. Antecipando as homenagens ao centenário de sua morte, a SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA, com o apoio da Academia Brasileira de Letras (ABL), apresenta a segunda edição do Concurso de Argumentos.

OBJETIVOS:

1. A SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA realizarão um Concurso de Argumentos livremente inspirados em algumas das obras de Machado de Assis, adaptadas pelos alunos e professores participantes.

Como sugestão, a Comissão Organizadora indica os seguintes contos: "Conto de Escola", "Um Apólogo", "A Cartomante", "Missão do Galo" e "Noite de Almirante";

2. A Comissão Organizadora será formada por educadores e profissionais da área de Educação e Mídia da SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA com a responsabilidade de selecionar argumentos produzidos por alunos e professores da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro;

3. Os autores dos argumentos selecionados participarão de oficinas de criação, roteirização e produção de um vídeo de curta-metragem na MULTIRIO;

4. O vídeo de curta-metragem produzido será exibido pela MULTIRIO ao longo de 2008, no contexto das comemorações do centenário de morte de Machado de Assis.

II – DOS REQUISITOS PARA A SELEÇÃO

1. O presente concurso está aberto aos alunos que estejam cursando o 3º Ciclo de Formação do Ensino Fundamental e do PEJA da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio, em 2008;

2. Os argumentos poderão ser desenvolvidos individualmente ou em grupo;

3. Caso o argumento desenvolvido em grupo seja posteriormente selecionado, os componentes deverão indicar

um representante para participar das oficinas e da elaboração do vídeo de curta-metragem na MULTIRIO;

4. Cada CRE deverá informar às suas escolas sobre o Concurso de Argumentos, recebendo os produtos que posteriormente serão selecionados com a participação da Comissão Organizadora.

Será selecionado apenas 1 (um) argumento por CRE, totalizando 10 (dez);

5. O professor orientador do argumento selecionado deverá acompanhar o aluno indicado nas três oficinas para criação, roteirização e produção do vídeo de curta-metragem na MULTIRIO. Estas oficinas serão oferecidas no primeiro semestre de 2008, pela manhã ou tarde;

6. Caso o professor orientador do trabalho esteja impedido de acompanhar o(s) aluno(s) nas oficinas, sua respectiva escola deverá indicar outro profissional para dar continuidade à produção.

III – DA APRESENTAÇÃO DOS PROJETOS

Os argumentos deverão ser apresentados respeitando-se as seguintes especificações:

1. O texto deverá ter no máximo 30 linhas;
2. O texto deverá ser digitado, em espaço duplo e em papel A4, fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento de 1,5;
3. A apresentação do texto deverá ser em quatro (04) vias impressas;

Em folha avulsa, os trabalhos deverão conter as seguintes informações:

1. Nome da escola;
2. Identificação do argumento/autor(es) e professor orientador do trabalho;
3. Turno do aluno ou do grupo;
4. Disponibilidade do aluno e/ou representante do grupo para participar das oficinas. Marcar (1) manhã (2) tarde
5. Disponibilidade de turno do professor orientador do trabalho para acompanhar as oficinas. Marcar (1) manhã (2) tarde

IV – DA INSCRIÇÃO

1. Atendidas as especificações acima, a escola deverá enviar o argumento à sua respectiva CRE, que encaminhará todos os argumentos recebidos à Ouvidoria da MULTIRIO;

2. No envelope lacrado, deverá constar a identificação: 2º Concurso de Argumentos;

3. O recebimento do material pela CRE equivale à inscrição no concurso;

4. As CREs enviarão à OUVIDORIA DA MULTIRIO os envelopes lacrados.

V – DA AVALIAÇÃO

Os argumentos serão avaliados considerando-se os seguintes critérios:

1. A Comissão Organizadora utilizará como critério de avaliação a apresentação de idéias criativas originais adequadas ao tema proposto;
2. Possibilidade de aplicação do argumento às condições de produção da MULTIRIO.

VI – DA PREMIAÇÃO

1. A premiação outorga o direito do aluno ou do representante do grupo de alunos a participar de três oficinas: criação, roteirização e produção de um vídeo de curta-metragem na MULTIRIO;

2. O professor orientador do trabalho participará com o aluno ou o representante do grupo de alunos das três oficinas para criação, roteirização e produção de um vídeo de curta-metragem na MULTIRIO;

3. O resultado do trabalho das oficinas propiciará a produção de um vídeo de curta-metragem, cuja autoria será compartilhada pelos participantes;

4. Ao final do processo, cada aluno e professor receberá uma cópia em DVD com o produto final.

Os nomes dos alunos, professores e suas respectivas escolas constarão nos créditos do produto;

5. O produto será veiculado durante a programação da MULTIRIO.

VII – DO CRONOGRAMA

1. Lançamento: dezembro de 2007
2. Recebimento dos trabalhos: até 10 de março de 2008
3. Divulgação da seleção: março de 2008
4. Oficinas: A partir de março de 2008, em datas divulgadas posteriormente pela SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA

VIII – DAS CONSIDERAÇÕES GERAIS

1. Os argumentos deverão atender às especificações constantes no regulamento;

2. O encaminhamento dos argumentos, na forma prevista neste regulamento, implica a concordância com as normas estabelecidas neste Edital;

3. Serão automaticamente desclassificados os argumentos que não estiverem baseados na vida e na obra de Machado de Assis;

4. Os argumentos inscritos não serão devolvidos;

5. Os alunos e professores selecionados deverão assinar Termo de Cessão de Direitos Autorais e Autorização de Uso de Imagens e Voz (captadas nas datas das oficinas) no programa e/ou programas que venham a produzir, sem qualquer restrição, ou podendo, ainda, ser utilizados em qualquer suporte (audiovisual, CD-ROM, banco de dados, material impresso, sites etc.). Os documentos serão entregues e recolhidos pela MULTIRIO/RIO MÍDIA;

6. A cessão dos direitos autorais e a autorização de uso de imagens e voz dos alunos e professores selecionados compreendem também toda e qualquer forma de publicidade do programa a ser criado e sua utilização em seminários e eventos de qualquer espécie, desde as etapas iniciais;

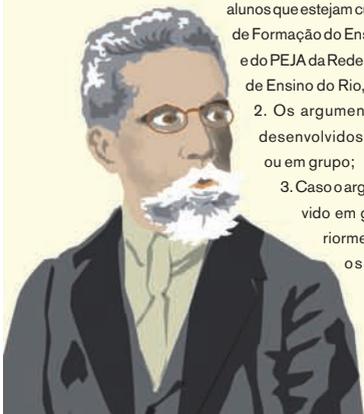
7. Por argumento entende-se: o resumo de elementos básicos de uma narrativa compostos por tema central, personagens, trama e conclusão;

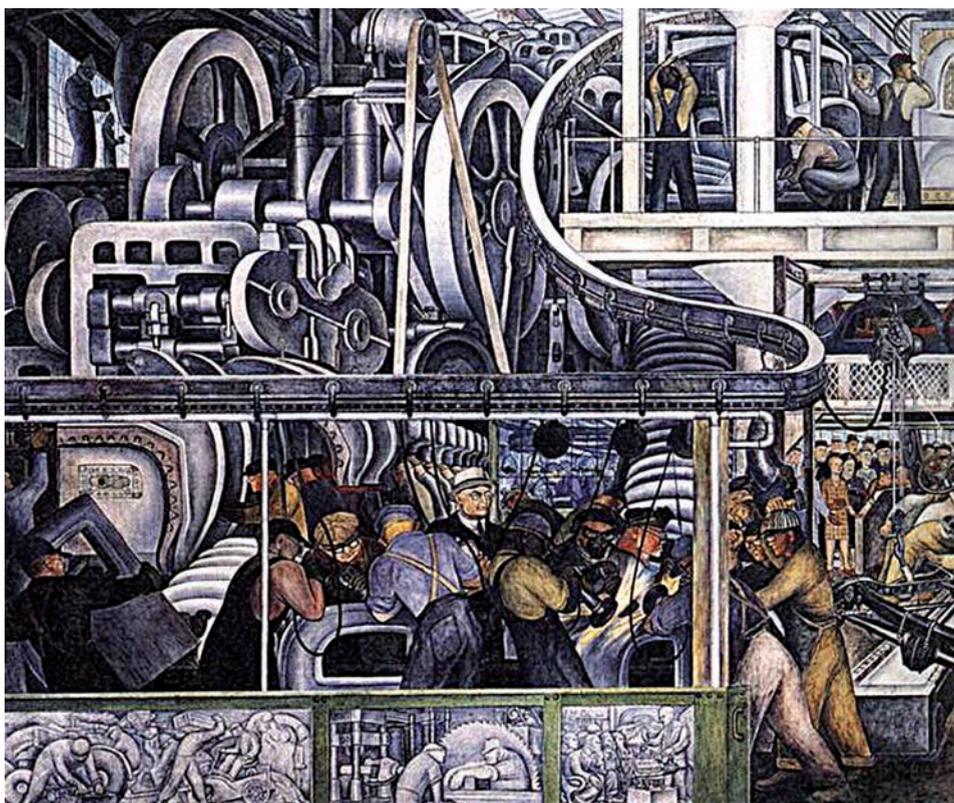
8. Os professores e alunos poderão encontrar nos produtos da MULTIRIO (Portal MULTIRIO, Revista Nós da Escola e Programa de TV Nós da Escola) conteúdo e bibliografia preparados especialmente para dar suporte ao Concurso de Argumentos, sob o tema Machado de Assis e sua Obra;

9. Caberá à Secretaria Municipal de Educação a divulgação do regulamento para toda a rede pública;

10. Caberá à SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA a divulgação dos resultados do concurso;

11. Caberá à Comissão Organizadora da SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA resolver as questões pertinentes à premiação e os casos omissos.





Fragmento da pintura mural *Industria de Detroit o Hombre y Máquina*, de Diego Rivera. Instituto de Artes de Detroit, Michigan, EUA. Leia mais sobre Rivera na página 5 desta edição.

NÓS DA ESCOLA

No próximo número: Educação, trabalho e linguagens